



Catwaba:

Árvore que virou Comunidade



E-BOOK

Danilo Borges
Gisele Conceição
Robson Marques
Juracy Marques
[ORGANIZADORES]





SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

Rua Campos Sales, 180, Cleriston Andrade.

CEP: 48.606-500 Paulo Afonso - Bahia

CNPJ: 21.200.341/0001-80

Contatos: 75.99217 6860

E-mail: editora.sabeh@gmail.com

Revisão:

Juracy Marques

Danilo Borges

Rubervânio Lima

Diagramação e capa:

Rubervânio Lima (Ed. Oxente)

Fotos:

Danilo Borges, Juracy Marques, Hebert Guedes

Catálogo na publicação (CIP)
Ficha Catalográfica

B732c Borges, Danilo, Conceição, Gisele, Marques,
Robson e Marques, Juracy, ORGs.
 Catuaba: árvore que virou comunidade /
 Danilo Borges, Gisele Conceição, Juracy Marques
 e Robson Marques, Organizadores.
 Paulo Afonso: Editora SABEH, 2019.
 120 p.; il.

ISBN: 978-85-5600-051-4

1. Influência da comunidade Rural
2. Ecologia Humana 3. Juracy Marques.
 I. Título

CDD: 155.94

E-BOOK

Danilo Borges
Gisele Conceição
Robson Marques
Juracy Marques
(ORGANIZADORES)

Catvaba:

Árvore que virou Comunidade

E-BOOK



SABEH

2019

CONSELHO EDITORIAL DA SABEH

Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS); Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional); Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB); Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB); Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira (UEFS/PPGEcoH); Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH); Dr. Júlio César de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB); Dra. Flávia de Barros Prado Moura (UFAL); Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC); Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB); Dr. Ronaldo Gomes Alvim (Centro Universitário Tiradentes–AL); Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGEcoH); Dra. Adriana Cunha – (UNEB/PPGEcoH); Dra. Alpina Begossi (UNICAMP); Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF); Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoH/UNEB); Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF); Dr. Gustavo Hees de Negreiros (UNIVASF/SABEH); Dr. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB); Dr^a Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE); Dr. Ajibula Isau Badiru – NIGÉRIA (UNIT); Dr. Martín Boada Jucá – ESPANHA (UAB); Dra. Iva Miranda Pires – PORTUGAL (FCSH); Dr. Paulo Magalhães – PORTUGAL (QUERCUS); Dr. Amado Insfrán Ortiz – PARAGUAI (UNA); Dra. María José Aparicio Meza – PARAGUAI (UNA); Dr. Luca Valera - CHILE (PONTIFICIA UNIVERSIDAD CATÓLICA DE CHILE).

EQUIPE DE PESQUISADORES E PESQUISADORAS

Gisele da Silva Conceição, Danilo Borges e Silva de Araújo, Robson Marques dos Santos, Juracy Marques dos Santos, Lilian Pinto da Silva Santos, Alzení de Freitas Tomáz, Joaquim Alves Novaes, Daniela Santos Silva, Maria Rosa Almeida Alves, Jakeline Alves Silva Muricy, Paulo Wataru Morimitsu, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Sílvia Janayna de Oliveira Veriato, Suana Silva, Nacho Vega Fernández, Nilma Carvalho Pereira, Ana Beatriz da Silva Werneck Maria, Pâmela Peregrino da Cruz, Ana Paula Arruda, Maria de Fátima Santos de Lima.

PROJETO QUILOMBOS

Este livro é parte das atividades do Projeto Quilombos, financiado pela fundação FORD, coordenado por Dr. Juracy Marques (Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana – GPEHA-PPGEcoH-UNEB), Franklin Plessmann de Carvalho (NEA Nova Cartografia Social / UFRB) e Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (LACC/UPE). Esta pesquisa integra as ações do Projeto Nova Cartografia Social do Brasil, coordenado pelo Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida. Trata-se de uma publicação feita em parceria com a Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH e com o Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH/UNEB).

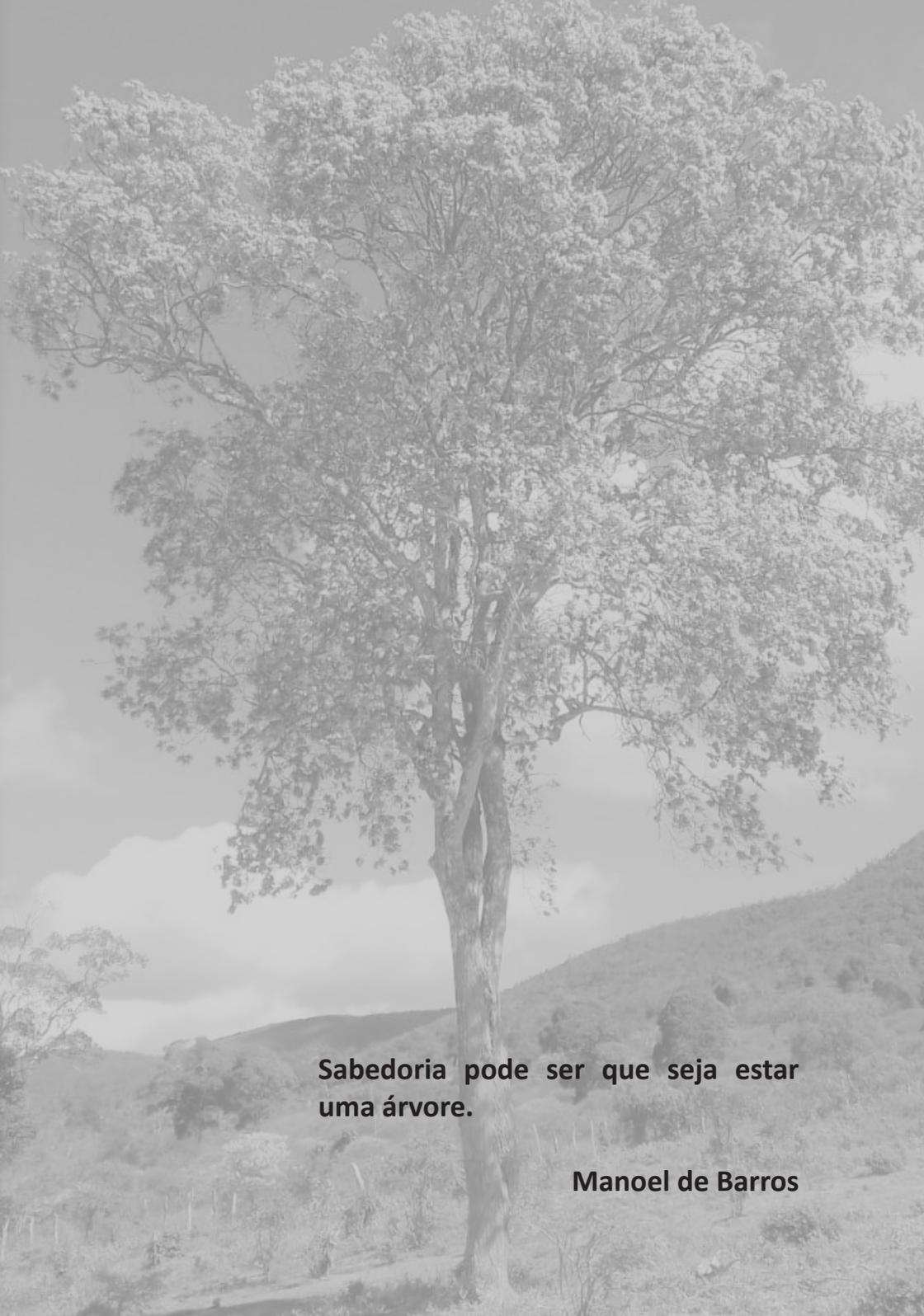


Dedicamos este livro aos moradores e moradoras de Catuaba.

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
	13
1. LOCALIZAÇÃO	
CAPÍTULO 2	
	17
2. NARRATIVAS DA COMUNIDADE I	
2.1 EVERALDINO BONFIM MORGADO (LÔLÔ)	18
2.2 DONA LIQUÊNA (MARIA)	28
2.3 DONA RAQUEL	38
CAPÍTULO 3	
	53
3. CARTOGRAFIA I	
CAPÍTULO 4	
	59
4. NARRATIVAS DA COMUNIDADE II	
4.1 ANTÔNIO BARBOSA DE MORGADO	61
4.2 DAMIÃO	63
4.3 RAIMUNDO MORGADO	65

4. 4	GENEROSA LUISA DA SILVA MORGADO, “GENA”	67
4. 5	ARISTEU MARQUES DA CONCEIÇÃO	74
4. 6	TEREZA BARBOSA DE MORGADO (DUZINHA)	80
4. 7	DADINHO – O JARDINEIRO DO REIS	87
	CAPÍTULO 5	89
5.	CARTOGRAFIA II	
	CAPÍTULO 6	95
6.	NARRATIVAS DA COMUNIDADE III	
6. 1	ARNALDO	96
6. 2	JOÃO DE JESUS CONCEIÇÃO (NENÉM)	100
	CAPÍTULO 7	107
7.	CARTOGRAFIA III	
	CAPÍTULO 8	111
8.	NARRATIVAS DA COMUNIDADE IV	
8. 1	PAULO ROBERTO MORGADO	113
8. 2	GISELE CONCEIÇÃO	116



**Sabedoria pode ser que seja estar
uma árvore.**

Manoel de Barros

Apresentação

Falar de gente, de povo é contar as histórias a partir de suas perspectivas. É deixar que suas vozes, gestos, corpos, ganhem a dimensão do papel transfigurado pela caneta. As narrativas que compõem este livro são traduções das tradições contadas, cantadas, sobretudo, pelos antigos moradores da comunidade.

O povoado de Catuaba pode ser classificado a partir de diferentes olhares e percepções. Resolvemos observar e deixar que a própria comunidade se descreva, se diga. A sua história mora na palavra do seu próprio povo. Compete a nós, cartógrafos, apenas, dá materialidade a dizeres.

Temos sim um propósito: queremos estudar como, nessas terras do Sertão do Brasil, se deu a presentificação e, ou, apagamento, dos povos negros e indígenas; o que há dessa memória nas narrativas da Comunidade de Catuaba. Confessamos, ainda não alcançamos essa perspectiva e, sabemos, estes espaços são lugares de silenciamentos da memória indígena e dos grupos negros que aqui chegaram e que é preciso uma cuidadosa arqueologia anti-supremacista, anti-colonialista, para fazer brotar essa memória forçosamente esquecida. Não nos angustiamos, pois, entendemos, estamos dando um primeiro passo nessa direção.

Aos poucos, vamos compreendendo a origem de Catuaba. As perguntas-guia que nos levavam aos nossos questionamentos se apresentavam a todo instante: “mas, quando começou Catuaba?”; “Quem foram às primeiras pessoas a morar em Catuaba?” Falar de Catuaba é falar de um povo onde a memória e resistência/existência perpassam os 100 anos. São séculos de permanência. O povo existente aqui descende de gerações que se misturaram e deu forma à dinâmica da comunidade. Hoje sabemos, a formação genealógica se sustenta mediante a relação de três famílias: Amaro que ficou (Morgado) Bernardo que ficou

(Silva) e os Marques conhecidos como Penteados. Fiquemos bastante atentos à história de Liquêna, que é uma das moradoras mais antigas e que tem a sua história transpassada pela construção da história da comunidade.

Com um sorriso no rosto, atenta e mostrando a solicitude em pessoa, Liquêna, aos 84 anos, compartilha os momentos de sua memória. Uma memória que é viva e vai à contramão da negação aos direitos de sua existência. Ela se refaz, se cria. Nos momentos que passávamos, ficava mais evidente que a comunidade era um espaço coletivo e a sua história também.

Além de sua história, outros personagens, igualmente importantes, deixaram suas memórias escorrerem nesse trabalho e, assim, com estas narrativas, costuramos o texto que, inicialmente, vai evidenciando a cartografia desse lugar.

As histórias aqui trazidas foram realizadas através dos sujeitos que participam da comunidade. Dentro de tantos motivos, escolhemos pontuar os seus nomes pelos nomes que são conhecidos, pelos nomes que são acordados e legitimados pelos falantes. Buscamos através destes depoimentos evidenciar que a comunidade mantém uma memória viva, pulsante em uma dinâmica particular. Observamos, também, a urgência para que essa memória seja sistematizada, sob-risco de que parte significativa dessa história caia no esquecimento.

Nas próximas páginas apresentaremos uma construção coletiva de diferentes histórias, mas que passeia por caminhos semelhantes e com um objetivo: falar sobre Catuaba. Uma história que é interpelada por Danilo, Gisele, Juracy, Robson e tantos outros pesquisadores que ajudaram a sistematizar essas narrativas. É nesse sentido que agradecemos a todos pelo ato de permitir que entrássemos em suas casas, em suas histórias, nas suas vidas. De modo particular, a todos aqueles que nos receberam e que relataram sobre os seus espaços, suas vivências, sobre suas memórias.

An aerial photograph of a rural village. In the foreground, there is a dirt road and a small white church with a steeple. The middle ground shows several simple houses with tiled roofs and some trees. In the background, there is a large, densely forested hillside leading up to a range of mountains under a cloudy sky.

CAPÍTULO 1

1. Localização

1. LOCALIZAÇÃO



Figura 1: Igreja que fica no centro da Comunidade (HERBERT, 2019)

A comunidade de Catuaba, pertence à cidade de Jaguarari, que está situada na região norte do estado da Bahia, mais especificamente na região do norte do Rio Itapicuru, localizando-se a dois quilômetros do centro da sede. Para ter acesso à mesma é necessário entrar pela BR 407 que liga os municípios baianos de Jaguarari e Juazeiro.

O território espacial da comunidade é pequeno em relação ao seu município sede. Atualmente toda a extensão prevalece em torno de 1 km de comprimento. Cortado, ou melhor, unido por três ruas: Rua dos Prédios, recebendo este significado por ter o prédio antiga escola da comunidade na rua, Rua Lomanto Júnior, por conta da Rodovia Lomanto Junior BR 407, e Rua das Grotas, a rua que dá acesso a Serra dos Morgados, comunidade vizinha também pertencente ao município de Jaguarari. Margeada por diferentes tipos de vegetação que dá característica ao bioma caatinga, a comunidade é estrategicamente formada por uma paisagem única tocada pela paisagens das serras em seus horizontes.

A igreja católica se localiza ao centro. Ela é utilizada enquanto ponto de referência do local, e as duas ruas que completam a comunidade, estão ao redor desta. Olhando de cima, os caminhos possibilitam o acesso à praça da igreja, espaço de socialização da comunidade.

As casas, presentes na comunidade, são relativamente parecidas, com construções de duas biqueiras (duas águas). Aqui vimos mais um elemento que sinaliza que as construções são antigas, com estruturas de pau-a-pique ou taipa. Entretanto, observamos um rápido processo de urbanização e de substituição das casas por construções mais modernas.



Figura 2: Antigas casas da comunidade (BORGES, 2019)

Catuaba é um povoado que vive fortes relações com o ambiente, que agrega as suas particularidades, sobretudo a vida ligada à agricultura e pecuária. Estruturalmente, a comunidade é um espaço com poucos recursos. Três igrejas, três bares, uma mercearia. Todo o suporte organizacional é feito mediante a ida ao centro (sede do município).

Parece simples, mas o modo de organização dessa comunidade no Sertão, os processos identitários e territoriais de Catuaba e a memória de seu povo reúnem elementos complexos das relações étnicas constitutivas de diferentes povos dos sertões, das caatingas, a exemplo, as relações estabelecidas entre os indígenas, os negros e os ciganos nos interiores do Brasil.

Nesse livro, apenas tateamos a forma como essa comunidade se formou. Esperamos novas pesquisas possam ser realizadas para dar luz à memória dos povos dos sertões que pisaram e enraizaram suas vidas nessas terras.



CAPÍTULO 2

2. Narrativas da Comunidade I

2.1 EVERALDINO BONFIM MORGADO (LÔLÔ)



Figura 3: Seo Lôlô (BORGES, 2019)

COMO DIZ O DIZER: OS OLHOS ERAM PRETOS...

Esse apelido quem botou foram os meus pais (risos). Eu já me entendi por Lôlô. Você chegue em Jaguarari e percure quem é Everaldino, só tem o cumpade Salomão que sabe. E aqui também. Se alguém perguntar quem é Everaldino ninguém vai saber. Todo mundo em Jaguarari, só é Lôlô, Lôlô. Uma vez mesmo eu fui na Madeireira Menino Jesus que é da Kikita, comprar umas negócios. A Kikita é irmã de Juracy. E aí ela: — “como é teu nome mesmo?” Eu falei duas vezes para ela colocar no computador porque antes de o nome Lôlô, ninguém conhece o Everaldino. Você pode chegar no Jaguarari agora e dizer: — “Você conhece o Everaldino de Catuaba?” — “Não”, vão dizer. — “Conhece o Lôlô”? Aí o povo sabe!

Nasci e me criei aqui em Catuaba. Tirando oito anos e seis meses que eu fui pra São Paulo. Sempre em uma casinha

ali. Nessa e na outra. Meu pai nasceu aqui e minha mãe nasceu em uma fazenda pros lados de Xique-Xique, chamada Boa Sorte. E meu avô chamava Zezé da Boa Sorte, porque a Boa Sorte era dele. Eu só conheci os meus avôs, tanto da parte de pai, como da parte de mãe. Da parte da minha mãe era Zezé da Boa Sorte. E por parte de pai era José Antônio Morgado. Agora a minha avó por parte de mãe, eu nem sei nem o nome.

A pessoa mais velhas daqui agora só tem a Liquêna, das mulheres, e dos homens, o compadre Raimundo. No meu conhecimento, quem morava aqui era o José, a Joana Bernarda, que era a mãe dele e o compadre João Bernardo, que era filho da Joana Bernarda. Era os dos mais velhos, diante deles, meu avô, Zé Antônio de Morgado.

Agora aí eu não sei se foram os primeiros porque quando eu me entendi, já entendi eles, os mais velhos, né? E aí tinha a mãe de João Amaro que era a finada Ivilina, dos mais velhos, como eu já lhe disse, era o meu Avô, os Bernardos, a Chapinha, João Bernardo, já era os dos mais velhos, quando eu me entendi já eram casados.

Aqui pode botar que tinha umas 30 pessoas porque, naquele tempo, tinha a casa de Joana Bernardo, a de Dona Maria, sua avó, a de meu avô, a da preta, a de Seo Amaro, a de Dona Rosa, a da Ilda e a do Zé Lourenço

Aqui só tinha essas duas famílias: os Amaro e os Morgados. Aumentou depois que o cumpadê Zuca casou com a Ernestina. Que aí já é outra família. A família deles é da Massaroca, distrito de Juazeiro. Hoje chama Juá. Deles tinha o avô da Nazinha, que chamava Zézé da Catita. E aí a família já foi rendendo por causa deles. O Zuca já tem parte também com as famílias dos penteados. Que é da família da Liquêna. O Zuca sendo de duas famílias. E a Santa, que é irmã de meu pai, que é da família dos Amaros, dos Morgados. E o Zuca já faz parte dos penteados, que é primo carnal da Liquêna. A mulher dele era a Ernestina de Massaroca.

Porque ele pegou duas famílias. Entenda, o cumpadê Zuca morreu agora em setembro. Em agosto fez dois anos, porque a mãe dele chamava Maria Alta de Morgado que era a minha tia. E o pai dele era tio da Liquêna. Esses eram os Marques. Teve o Manoel Marques de Conceição. Eles não pegaram os Morgados. Chamava Manoel Marques da Conceição.

De onde vem o nome Catuaba? Aí eu não sei. Porque meu avô, ele dizia que é porque aqui era uma mata que tinha um pau com o nome de Catuaba. Na roça aqui de casa tem. E por isso tudo botaram o nome de Catuaba.

Tem essa árvore aqui mesmo na região, por traz da roça, que serve pra caibro de casa, serve pra linha, diz que serve pra remédio, eu não acredito que serve pra remédio do mato.



Figure 4: Detalhes da árvore Catuaba (MARQUES, 2019)

Hoje eu posso dizer que não tô fazendo mais nada, mas ainda zanzo na roça, mas a profissão de toda minha vida foi na roça. Plantava maniva, plantava milho, plantava feijão de corda, feijão de arranca, momona, mas era pouco. Plantei muito, tive muito

algodão. O algodão nós vendia lá na Fazenda Saco da Barrinha, dá 30 km daqui lá. Quem comprava era o João da Luz. Ele era sogro do Seli do Salomão. O Félix era motorista dele, era quem vinha buscar e levava pra Juazeiro.

O milho que plantava era só pro consumo de casa. Meu criatório, durante toda uma vida, era dois jegues e um cavalo. Agora é só um jegue e um cavalo. Nunca criei gado não.

Eu me aposentei por invalidez de doença. Mas ainda trabalho (risos). Naquele tempo todo mundo vivia de dia de serviço¹ na roça, fazendo o que o dono mandava: arrancar toco, plantar capim, plantar milho. Eu tinha a minha roça, mas quando eu cheguei de São Paulo eu trabalhei oito anos e seis meses no dia de serviço. Trabalhava com o finado Tenório. Ele é de Jaguarari. Nasceu em Jaguarari e ele trabalhava fazendo rede e sela de couro e tinha um pouquinho de leite, que era o que nos pagava. Tinha um gado, quando ele tava apertado vendia, mas não era muito, vendia umas ... tudo naquele tempo era barato.

Eu sou casado e criei três filhos: dois homens e uma mulher. A Bete tá fazendo 45, ou 55 anos. O Clodo, que mora em São Paulo, e o Diego, com 29 anos. Minha esposa trabalha em casa. Aqui dentro de casa mesmo. Toda vida.

Você pode chegar amanhã 05:00 horas da manhã que meu café já tá feito, quem faz é eu. Faço o café e vou caminhar pra roça, vou olhar o jegue e o cavalo. E aí eu faço as coisas só no pensamento: — “amanhã eu faço isso, depois eu faço aquilo”... E passa o tempo e eu não faço. Aí quando dá oito, tomo o café simples e venho. Aí eu fico aqui por casa, vou caminhar de novo ali na casa de uma prima. Tem vez que vou na rua em Jaguarari, tem vez que não vou, fico o dia todinho aqui. Quando eu vou na rua vou de a pé. Dá uns 2 quilômetros.

Também tenho uma roça arredada daqui a 4 quilômetros, lá na grota. Aí vou lá de a pé. Vou lá e venho. Dá 8 quilômetros

1. Lolô explica “Dia de Serviço”: eu chego e digo: “Você vai me dar um dia?” Ele diz: “Vou!” Aí você me dá o dia e aí você diz: “Eu vou a 40 ou a 35 ou a 50 reais.” Quando termina o dia, você pega 7 da manhã horas e termina quando for 4 horas da tarde..

pra ir e vim. Ah! E o meu horário é 08:10, 08:15. Quem tiver aqui eu digo: — “Cês dão licença que eu já vou dormir!” Se vocês tão aqui eu digo: — “Cês dão licença que eu vou dormir porque se passar das 09:00 horas eu não durmo mais”. Aí já desperta o sono e toda hora me dá uma mijadeira, toda hora, toda hora, e aí eu digo: — “Eu já tenho horário de dormir”.

MORGADOS E PENTEADOS

As duas famílias principais para a construção da história daqui são os Morgados e os Penteados. Os Penteados eram tudo moreno como a Nem era. O compade Juca e a família não era bem moreno. O Cacá era bem moreno e os outros eram tudo que nem eu. O cabelo deles era liso. Só quem tinha o cabelo meio enroladinho mais era o Negão. Como diz o dizer, os olhos eram pretos. O nariz de panela que nem o meu. E a boca do mesmo jeito da nossa, os lábios maiores e mais grossos.

Das mulher dos Pentados só conheço a Liquêna e umas que mora em Jaguarari, na cidade. Tudo assim, umas maior, outras mais pequenas, com os cabelos bom. Que era as filhas da Jobina, tinha a Aritina, tinha a Margarida. Já morreram um bocado, que eu já me esqueci. Tinha a Maria que ainda hoje é. Também dos Amaros, que tava, só tem a Maria.

A Bobó, mãe da Kikita (Jozete Marques) e do Juracy Marques, é da família dos Penteados. Os Morgados, meu pai me contava que é porque o avô dela (Bobó), o bisavô deles (Kikita e Juracy), que era o Cândido, era dessa família Morgado, agora como gerou é que eu não sei.

Meu pai era de minha cor, só que tinha cara mais larga. Eu achava meu pai mais moreno do que eu. E era como eu estou lhe dizendo. Agora de meu pai pra cá, e meu avô por parte de pai. Aí eu lhe digo: agora pra trás eu não posso lhe dizer. O cabelo de meu pai era bom. O cabelo de meu avô, que era o Antônio Amaro, era igual o de meu pai,. O olho preto também.

OS REIS: SAMBA CAIPIRA

A festa que tinha naquele tempo era o Reis. O reis cantava aqui, daqui ia na casa da Liquêna. Era de casa em casa. Cantava meia hora ou 40 minutos de casa em casa. Onde amanhecia o dia, brincava samba, chamava Samba Caipira, até 08:00 horas.

Começava no dia cinco de janeiro pro dia seis. Do dia seis pro dia sete e do dia sete pro dia oito. Do dia sete pro dia oito era das meninas, moçota nova, mocinha, chamava o Reis da Lapinha. Naquele tempo não tinha presépio e pegava as lapinhas e brincava nas casas.

E tinha o Samba de Palmas. Vamos dizer assim: Aí uma pessoa de outro lugar chegava aqui e dizia: — “Piroca eu passei aqui e vi você com Samba, dá para você me cantar um Samba lá?” Ele dizia: — “Você arruma o carro, você faz um tira gosto lá pra dá a turma que eu não lhe cobro nada.” Era assim. Aí podia ser qualquer dia. Agora só marcava do sábado para o domingo.

Aqui tocava o Dadinho, o Negão que já morreu, no cavaquinho, o Louro que também já morreu. E no pandeiro, era muito quem sabia bater pandeiro. Quem cantava era o Piroca, o Fulô, o compade Zuca, João Amaro, o cumpade Aponia, e aí foi morrendo, e eu fiquei arremendando, que não cantava que nem eles (risos). Fiquei arremendando. Agora não tem mais Reis aqui. Acabou! E o Samba a mesma coisa. Acabou. Agora só tem as Novenas, e as Novenas é mais novas, eu nem sei se tem 30 anos. Acho que quem trouxe o Reis pra cá foi o finado Piroca. Eu era menino e já tinha o Reis. Ele que foi quem trouxe. Eu era menino, quando eu alcancei já tinha. Quem tem umas fitas boas de Reis é o Dadinho. Ainda sábado mesmo eu fui lá embaixo dá uma andada, ele tava com umas fitas do Reis do tempo que Herculano veio aqui, quando ele era vivo. Tinha o Fulô, o cumpadê Zuca, Raimundo, Tonha e cumpade Piroca. Agora eu sempre digo: — “Pra bater Samba que nem finando Zé, tem não!”



Figura 5: Dadinho, o Guardião do Samba (BORGES, 2019)

Também tem o Samba de Pandeiro que foi trazido pra cá pelo Piroca, mas só foi mesmo pra brincar. Agora como ele trouxe eu não sei.

EU USO CHAPÉU DE COURO, MAS NÃO SOU VAQUEIRO

Agora eu também não conheci nem índio e nem escravo, esse povo. Essa história que o nome Jaguarari, que povo diz que é de índio, eu mesmo não conheço. E a pessoa que falou é porque às vez, é o povo que coloca, eu não me lembro. Eu uso chapéu de couro, mas não sou Vaqueiro. Boné, nem adianta me dá que eu não boto na cabeça.

Domingo nós fomos à missa do Véio. Ele fez 90 anos, domingo. Aí ele falou: — “eu vou fazer uma missa de Vaqueiro e quero meus amigos tudo encorado. Pode correr campo, pode não correr, eu quero, tudo lá.” E eu mesmo só comprei meus couros só pra Missa do Vaqueiro. A coisa que eu uso no dia a dia de couro é o chapéu. No tempo que eu era novo, se me botasse era pra correr no campo, mas não corri, também agora depois de véio é que não vou mais.

A ÁGUA

A água aqui a gente pegava num tanque. O tanque era de todo mundo. Casa de farinha eu mesmo tenho uma. Ali você bota uma carga de mandioca, você me dá um prato. Tá entendendo? Se você botar seis cargas de mandioca, você me dá oito pratos de farinha. Porque tem a luz, e se quebra uma coisa, você vai pagar pra consertar? Aí dá oito pratos (risos). Essa igreja veio na gestão do Edilberto. Tinha uma igrejainha assim, como esse quadrinho, que era só dois santos, que era lá dentro da dona Ernestina e outra mulher, a Gatinha que já morreu, aí fazia quando vinha celebrar uma missa, celebrava ali de frente ao prédio.

Depois o prefeito Edilbreto fez uma pra cá. Puxou essa aqui. Pra isso eu chamei a turma e disse: vamos fazer uma igreja. Chamei dois vereadores, o prefeito, outros que não eram daqui vieram, aí o prefeito falou: — “o que é que você quer?” Eu disse: — “nós queremos fazer uma igreja aqui”. Aí ele disse: — “vão fazer a igreja como?” Ai eu disse: — “Não se preocupe, os homi vão bater os adobos, as mulheres vão carregar água da lagoa para nós bater os adobos. O cumpade Zuca é pedreiro, e cada um dia, nós faz o mutirão e faz”. Aí ele disse: — “tá bom.” Depois ele disse: — “me diga uma coisa: eu fazendo a igreja vocês acha ruim?” Eu disse: — “não!” Aí ele foi quem fez aquela capelinha bonitinha. Agora eu não me lembro quando é que ele foi prefeito. Aí depois o padre puxou mais. E não elargueceu, ele puxou pra frente uns três ou quatro metros. E a outra tá ali encostada na casa do Nêgo. A primeira era ali do lado da casa do nego.

Antes da igreja, na casa do finado João Balbino, o pai da Izabel, o pai da Maria, era assim: entrava a quaresma, mamãe e um bucado de mulher, todo sábado, ia rezar lá. Aí quando era perto da semana santa rezava quarta, quinta, sexta e sábado. Quando era no Sábado de Aleluia, aí terminava. Mas tinha reza, ainda hoje, de vez em quando, ainda reza aqui, porque as mulheres que rezavam acabou tudo. Mais era direto lá.

SAÚDE

Aqui não tinha posto de saúde. As pessoas daqui para se curar, iam pro Jaguarari, tinha um médico, que atendia 10 e outro, lá uma vez, quando tinha. Agora uma vez quando eu me entendia que eu cheguei de São Paulo, ali já tinha médico, agora quando eu fui para São Paulo, não tinha não. Era um médico de vez em quando.

Agora tinha a Preta que rezava de olhado que era a irmã de meu pai. E tinha duas mulheres em Jaguarari. Minha mãe mesmo pegava nós, quando era pequeno, e ia levar lá, mas aqui só tinha a Preta. Ela era católica. Já faleceu. O nome dela era Maria, agora apelido era Preta porque todo mundo aqui tinha um apelido.

Eu também frequento essa igreja aqui, a católica. Toda vida, eu e minha família toda. E antes de ter a igreja aqui eu ia pro Jaguarari. Ia mais uma tia minha que chamava Josefa. Ela já morreu. Era a minha madrinha e tia. Todo domingo, ou em 15 em 15 dias, eu ia pro Jaguarari.

BANDA DE PÍFANO

No dia 20 aqui tem os pifeiros. A banda de pífano vem do Jacunã. Até amanhã mesmo vou lá vê se acerto para eles vim. São dois do Jacunã, um do Oiteiro, e outro de Jaguarari. São dois pifeiros, um no bumba e outro na caixa. São quatro. Aí eles tocam na novena. Começa 08:00 e depois da Novena aí eles acabam na hora que eles querem.



Figura 6: Banda de Pífano (BORGES, 2019)

A gente vai passando de casa em casa. Passa aqui por casa, entra num bando de casa. Onde o povo quer. Porque o problema é esse: nem todo mundo aqui é crente, mas eu ir em uma casa, uma comparação, e a pessoa me receber com todo carinho, aí eu digo: — “o ano que vem eu torno vim”. Se ficar com a cara fechada eu não volto mais. Aí no outro ano, se uma mulher disser: — “Ei! Foi naquele ano e nesse ano não foi por quê?” Aí eu digo: — “porque o primeiro ano que eu fui você me recebeu com a cara feia”.

Aqui tinha a festa de Reis, agora só a Novena, e de vez em quando saía daqui pro Samba, o Samba de Palma. E não tem nenhum grupo querendo voltar com a tradição não. Para os mais novos não interessa. O grupo que eles querem é só. Não adianta eu dizer: — “Vamos fazer o Reis, sozinho não faz”. O Reis tem que ser de 10 pessoas pra frente. Um só não faz.

2.2 DONA LIQUÊNA (MARIA)



Figura 7: Liquêna, a moradora mais velha da comunidade (MARQUES, 2019)

CATUABA ERA MACHO, AGORA FICOU FÊME.

Catuaba. É porque aqui tem uma mata que ela tinha muita Catuaba. Aí ela vinha assim, né? (fazendo círculos, para representar que a planta se posicionava ao redor da comunidade). Aí quando chegou aqui, uma tia minha veio, morava acolá (apontando para o início do território da comunidade), no trecho da estrada, onde tem um Juazeiro, eles moravam lá. Um dia ela disse assim, quando o pai dela morreu, ela disse: — “Nós vamos sair daqui!” Essa tia minha, ela era até aleijada. Aí veio pra aqui. Quando acabar, capinou, arrancou toco, ela mais a mãe, ficou sem pai. Ficou sem pai, aleijada. E aí ela capinou, arrancou toco, aí fez o limpa e fizeram assim a casinha de palha, né!? Depois que minha mãe morreu, meu pai tomou conta dela e fizeram outra casa. Fizeram uma casa grande. Era uma casona tapada de

taipa. Aí tinha o pau que chamava Catuaba, né!? Aí eles ficaram chamando de Catuaba. O pau mesmo chama Catuaba. Aí eles botaram o nome. Tia Ilda Morgado que botou o nome de Catuaba por causa do pau.

De primeiro era Catuabo. Depois do tempo que chegou a energia botaram Catuaba. Mas que era Catuabo. Era macho, agora ficou fême. Catuaba porque tia Ilda veio pro lugar arrancou os Catuabos que tinha. Já tinha gente aí pra baixo, um tio dela, Antônio. Quando eu nasci já era chamando de Catuaba .Tia Ilda era aleijada, mas era inteligente. Ela capinava, ela fazia renda. Ela tinha uma almofadinha de fazer renda. Fazia renda, a véa era inteligente. Num tô dizendo que a véa veio pra aqui e botou o nome da comunidade de Catuabo. Eu prefiro Catuaba com “a”.

AMAROS, MARQUES, PENTEADOS E MORGADOS

Eu não lembro onde, mas eu sei que eu nasci aqui em Catuaba. E meus pais, todos dois, são daqui também. Porque o meu pai é de uma família de Amaro. Minha mãe é das famílias dos Pintiados. Eu não sei lá cumaé o sobrenome, eu sei que o sobrenome de todos é Marques. Tudo Marques. Da parte da minha mãe é Marques. Do meu pai é Morgados. É porque tem Amaros por causa dos mais novos que é filho dos mais véios, os Amaros véios. Por parte de pai é dos Amaros e dos Morgados e por parte de mãe é dos Marques e Conceição.

Já penteados é apelido que botaram né!? Porque eles gostavam de se pentear e tinham os cabelos bons. Eles tinham uns cabelos bons e aí quando eles levantavam cedo, banhavam o rosto e dizem que ficavam no terreiro pinteando os seus cabelos, os cabelos caindo pelo rosto. Aí por isso ficou. Então pinteados era o apelido pros Marques. O sobrenome Marques e apelido pinteado. E os Amaros era apelidos do povo de Morgados. Eles não eram parentes.

Os Morgados e os Penteados eram de famílias diferentes. Meu pai era um senhor muito sabido na leitura. Ele era sabido viu!? Daquele povo mais velho. Ele aprendeu riscando no chão. Depois tinha um primo que era soldado e esse primo dele veio para aqui e ele ficou ensinando e ele começou o nome, começou a fazer, o nome dele era Eduardo Lourenço de Morgado, meu pai. Ele sabia ler bem! Ele foi soldado. Naquele tempo, ele foi riscando no chão, aprendendo ler e aí o povo, naquele tempo, quando se interessavam botavam. Aí botaram ele para ser soldado em Bonfim.

Minha mãe eu acho que era baixinha que nem eu. Não cheguei a conhecer. Ela morreu louca. Eu Não sei contar da minha mãe. Quando ela morreu eu era muito menina. Aí eu não sei contar de minha mãe. Quando o meu pai faleceu eu já tinha casado com uns 29 anos. Sou filha única do casal.

Da família todos nós somos primos. Se eu for contar, misericórdia! É uma família grande. É primo, é tio é tudo! Tudo daqui. Eu não sei qual é a mistura que eles têm: se eles são descendentes de negros ou de índio. Não, eu não sei. Eu sei que eles, os pinteados, eram pretos dos cabelos bom. Agora que descendência era eu não sei. Já os Morgados têm uns sarará do cabelo.

Eu tinha uma tia que foi casada com um tio. Uma tia, rimã de meu pai, casada com tio. E meu pai era casado com uma rimã de um rimão dessa tia minha que morreu a finada Gatinha. Chamavam Gatinha. Ela casou com o finado Lino, depois papai casou com a minha mãe chamada Emília e aí eu só sei isso!

Eu tive 19 filhos. Vivos só tenho cinco. E todos nasceram aqui em casa. E quem fez o parto foi uma mulher que já morreu. Já tem anos. Ela chamava Maria. Agora tratavam ela de Maria Lourinda. Ela era do povo dos Laurindos daí de Jaguarari.

Quando eu nasci aqui não tinha nada meu rimão, era no tição de fogo mesmo. Nem água encanada, nem luz. Tinha

candeeiro com gás. Botava gás no candeeiro. Nem sei se lá na rua, em Jaguarari, já tinha. Agora aí eu já não sei, né? Porque eu tenho 83 anos, mas eu não sei dessas coisas mais pra trás não, né? A luz chegou aqui quando o doutor Edilberto foi prefeito, mais ou menos em 1985. Foi mais ou menos nesse ano. Antes disso era no candeeiro.

Água, a gente pegava nos tanques. Lá embaixo, lá para dentro. Tanques da comunidade. Quando chovia os tanques enchiam e quando sujava eles, os homens, limpavam.

Meu marido não deixava eu trabalhar não, mas eu plantava mandioca, plantava milho, plantava feijão. Quando dava muito, vendia. Quando não dava, às vezes, vinha comprador comprar aqui, às vezes levava pra rua. A farinha toda vida levava pra rua. Pra Jaguarari, pra vender na feira.

Da minha mãe eu não lembro quase nada, mas da família dela, dos irmãos dela, eu lembro. Lembro do Severino, do finado Joaquim, tinha a menina que chamava Joana também, Joana Penteado. Que eram meus tios. Eu não sei não, mas eles devem ter nascido aqui. Porque quando eu me entendi já tinham nascido.

Eu não sei quanto tempo essa igreja católica tem aqui. Ela era pra lá um pouquinho. Era uma casinha, não era nem uma igreja porque fizeram uma casinha. E ali botava um santo que era de minha tia, essa tia Gatinha que morava pra li (apontando para o outro lado da rua). Ela festejava esse santo. Chamava Sebastião. E aí era ela que festejava. Todo ano. Ela tinha muito negócio com o santo Sebastião e lá vai, lá vai, e aí foi indo, foi indo e o povo todo ano ia rezar na casa dela. Pra esse santo. Sabe que o povo de primeiro gostava dessas coisas. Aí o povo ia e rezava o terço. Depois que ela se acabou fizeram essa igreja e trouxeram o santo. Acho que fizeram o santo de barro, de pau, não sei de que é. Sei que fizeram e botaram aí. Aí todo ano festejam. Eles fazem a novena, depois fazem as festas deles.



Figura 8: Devoção a São Sebastião (BORGES, 2019)

Quando ela morreu, ela já tinha uns 90 e tantos anos. Morreu já caducando. Minha vó morreu também caducando. Eu ainda alcancei minha vó e minha tia da parte do meu irmão.

Eu não sou católica. Eu sou crente. Da igreja Cristã do Brasil. Tem mais de 40 anos. Eu não sei quando a igreja Cristã veio para cá, sei que quando o pastor Amaro se batizou ele prometeu de fazer uma igreja, aí fez aquela igrejinha. Quando eu me batizei, eu só tinha o menino mais velho. Eu já tinha tido o mais velho, depois tive uma barriga de dois, aí tive esse que é o pai dela. Depois desses gêmeos, tive outra barriga, depois tive ele.

Na minha igreja não tem esse negócio de festa não, às vezes, quando eles querem cantar vem. Na nossa igreja, nós vamos, fica lá, lê a palavra, canta uns hinos, aí vamos embora. Quando eu me batizei não tinha igreja aqui. Me batizei lá na comunidade de Varzinha, que fica de Juacema para lá.

Quem trouxe a igreja católica foram os católicos daqui mesmo. E o irmão Gelson foi que anunciou para ter a igrejinha aqui. Pra nós não ficar no carro indo para Juacema todos os dias, aí formou. Nós tínhamos um tio aqui que chamava Zé Amaro. Ele passou a ser crente, aí disse: — “Eu vou fazer uma igreja!” E fez. Foi feita por ele.

Hoje eu vivo da minha aposentadoria de velhice e de trabalho. Trabalho da roça. De plantar, colher, de tudo isso. Agora é só aqui dentro de casa. Eu não faço mais nada meu rimão. Tô aqui só o bagaço. Não tenho vontade de sair daqui para lugar nenhum. Minha menina é doida para ir pro São Paulo, Deus me livre! Eu já fui lá visitar, mas pra aí para eu morar? Vou não.

Aqui tem um homem que chama Lolô que tem cabeça para essas coisas aí. Que programa os três dias que solta os fogos, vem o zabumba e bate aí isque bunde, isque bunde! Que é a festa do São Sebastião. Dia 20 de janeiro.

E voltando aos Penteados, eles eram muitos inteligentes. Outros diziam que eles eram negociantes². Dois tios que eu tinha eram negociantes. Eles gostavam muito de negociar daqui para Juazeiro. Iam comprando feijão, comprando rapadura. Eles já tinham um carro. Era até do Zé do Jú. Eles compravam rapadura pro lado da aí, era feijão, farinha. E aí vinham. Esses dois tios, todos os dois já morreram. Eles gostavam de negociar. Vendiam rapadura, vendiam peixe, vendiam feijão. Tudo, tudo que vende assim na feira eles vendiam. Eles compravam para revender, né? Para sobreviver. Tanto em Juazeiro como em Jaguarari. E tinha deles que ia até para o Campo Formoso, Bonfim, iam.

Já os Morgados também dava para trabalhar. Tinha muitos trabalhadores de roça. Tinha feijão, milho, mamona. Meu pai mesmo gostava de prantar mamona. Eles tudo se interessavam para vender. Vendiam farinha, vendiam feijão, quando vinham da roça, era assim.

Eu não sei quantas pessoas moram aqui, nunca contei, mas tem uns pra cá pra cima. E tudo é sangue. Porque são tudo Amaro por parte de meu pai, né? É uma família só. E depois de uns tempos pra cá, a maior parte dos mais velhos vive de aposentadoria e os mais novos uns trabalha pra São Paulo,

2. A memória dos Penteados remonta a muitos aspectos da tradição cigana. Cabelos lisos, negociantes e, como ainda podemos observar em muitos moradores, um sotaque característico das nações ciganas. Novas pesquisas poderão se deter a este aspecto da identidade dos moradores de Catuaba.

outros trabalha pra aqui, pracolá. Aí vive do seu trabalho cada um. Da roça. Do comércio da roça! Porque aqui não tem serviço. Aqui não tem assim, como ali em Jaguarari pra se empregar. Trabalhando em Jaguarari, antigamente, esse Zé Amaro, que fez essa igreja no bairro, ele era varredor de rua.

Aqui não tem escola. Tinha, mas fecharam. Postinho de saúde também não tem, quando precisamos vamos para Jaguarari. Fretamos um carro, aí vamos. Não tem nenhuma venda. Aqui só tem o bar da mudinha e o do Bolôlô. Só. Para eu saber só tem esses. E o Nêgo que tem ali um negocinho. As compras a gente faz na rua, em Jaguarari. A gente faz compra de mês. Compramos açúcar, arroz e feijão. Tudo que é pra comer, compramos lá. Para eu ficar sabendo das coisas, do que acontece em Jaguarari, Bonfim, Juazeiro, só quando o povo vem aqui, que conversa, que foi em Juazeiro, que foi pra Bonfim, que foi pra Campo Formoso, foi pra Monte Santo, Andorinha...

Às vezes eu assisto o jornal, outras vezes os meninos: — “mãe vem assistir o jornal!” Aí eu digo: — “Rãannn! Não vou assistir isso hoje não!” Aí não vou.

Sobre descendente de índio, descendente de negro, eu nunca ouvi falar. Eu sei que eu alcancei esse finado Antônio Amaral lá embaixo, era um homi moreno, mas era família misturada. Porque a minha vó era branca, a mulher desse Antônio Amaral era branca, tinha fio branco, tinha fio preto. Os Penteados era tudo moreno. Aqui só tinha essa família do Amaral, e foi quem abriu esse lugarzinho aqui. Tia Ilda veio, chegou aí que tinha uns pé de Catuaba, ela cortou, arrancou os toco e fez a sua casinha. Pois é assim como eu lhe disse: — “do começo ao fim é desse jeito!”

A HISTÓRIA CONTADA POR DUAS GERAÇÕES

Gisele, jovem, historiadora, professora e filha de Dona Maria, também organizadora desse livro, interage buscando reavivar a memória de sua mãe indagando: — “Mãe, deixa eu

perguntar uma coisa a senhora: O meu avô, o pai da vó Neném, ele era preto? De escravo!”

Maria Liquêna, então descreve seus lampejos de memória: — “Era nego! Ele era de uma descendência da véa Joana Bernardo, a mãe desse Piroca Bernardo. Ela era uma véa bem preta do cabelo, que era tão coisadinho assim... Era enrolado que chegava a ser uma buchinha o cabelo dela”.

Gisele: — “Então, o meu bisavô por parte da avó Neném era preto mesmo, era negro escravo. Mas a senhora pode dizer que ele era escravo porque era negro?”

Maria: — “Agora aí eu não sei. Eu só sei que eles eram negros. A raça dos Bernardos era tudo negro. Na minha família, é Morgados com os Penteados.”

Gisele: — “Quer dizer que o pai da avó Neném era preto mesmo. E ele tinha o nariz achatado? Quem era a mãe dele? Mãe lembra assim da história?”

Maria: “Era. Era preto mesmo. Oxe! A finada Joana Bernardo? Eu tinha um menino, que quando era pequeno, chegou lá, aí viu a venta dela, aí chegou e disse: — “mãe, a Joana tem uns buracão. Aí eu disse: “Oxente! Cala a boca!” Aí a finada disse: — “é meu fio, não fique perto dela senão ela lhe engole com aquela venta.” O nariz dela era grande. O nariz da véa Joana Bernado, que era a sua bisavó, era grande. Agora minha vó, sua outra bisavó era branca. Minha bisavó também era branca. Meu bisavô também era branco. Esse povo branco que vieram pra aqui, o véio Antônio Amaro e o finado Lourenço, o meu avô, eles vieram dos Catuabinhas. Vieram e aqui ficaram.

Gisele: — “Mãe, a Ilda Bernardo que deu o nome a Catuaba, ela veio de onde? A senhora sabe?”

Maria: — “Dos Amaros. Ela era fía do finado Lourenço e da véa Rosa que era chamada de Mãe Véa, que era do Catuabinha. Eu, Raquel, Antônia, André, tudo chamava ela de Mãe Véa.

Gisele: — “E o Antônio sabe alguma coisa? O Antônio é primo de mãe”.

Maria: — “É. Primo carnal”.

Gisele: — “A Ilda? A Joana?”.

Maria: — “Eu mesmo só vi, só digo que aqui é Catuaba, porque foi ela que fez aqui as casinhas. E ela diz que veio e arrancou os pés de catuaba”.

Gisele: — “Ela que arrancou e fez as casas”.

Maria: — “Fez a casa”.

Gisele: — “Mãe me disse que ela fez a casa ali, num foi? Onde tem os pés de Juazeiro”.

Maria: — “Não. Ali foi a Gatinha. A Ilda foi que saiu de lá do pé de Juazeiro e veio fazer a casa dela. Aí onde tem esse quadro da Vuzinha era a casa de Vandrê. A casa de Mãe Véa era uma casona. Era uma casona veia mesmo. Eles fizeram de paia. Depois foi que fizeram a de papai. Eles cortavam a madeira da mata, cortavam as varas, cortavam as palhas para fazer. O finado Manel criavam muita abelha. Papai também criava muita abelha do mato. Era só para consumir. Nunca venderam. Servia para remédio. Outra coisa, eles faziam chá de cidreira, chá de lapão, chá de alevante, chá de tudo que era pau. Depois pegava umas cascas de catuaba e botava na água pra beber. Com a madeira eles faziam casa. Eu acho que não sabiam fazer móveis. Faziam era giral, porteira.

Aí foi crescendo, foi crescendo dos mais véios pros mais novos. Aí foi fazendo essa carreira de casa aí, que era da família de seu Antônio. Essas carreiras de casa era tudo de seu Tontonho. Ele era parente dos Amaros, era irmão do Lourenço, meu avô, seu bisavô. A Gatinha gostava de contar umas coisas. Ela contava de um tal de Suzano. Ela via falar que tinha os bancos de botar dinheiro e ela chamava era de Suzano. Aí nós perguntava: — “O que é isso? O que é Suzano?” Aí ela dizia: — “Uma casa.” Aí hoje a gente tá sabendo que é uma casa mesmo que bota dinheiro.

Gisele: — “E quando chegou água encanada aqui?”.

Maria: — “Foi quando o doutor Edilberto foi prefeito e fez o chafariz, botou luz e fez essas coisas tudo.”

2.3 DONA RAQUEL



Figura 9: Dona Raquel (BORGES, 2019)

OS GRINGOS

O nome do meu pai era Emanuel Lourenço de Morgado e de minha mãe era Josefa Barbosa de Morgado. Meu avô era Lourenço e minha vó era Rosa, por parte de pai. Por parte de mãe era Balbino Barbosa e Maria Isabel Barbosa. Minha mãe nasceu na Fazenda São Miguel, ela era de lá, veio embora de lá nos tempos dos bandidos. No tempo que o Lampião chegou na cidade dela. Minha mãe não conhecia Catuaba e então, antes disso, do lampião chegar aí nas caatingas, em 1932, João Balbino que era da família de seu João Timóteo, que morava na Laje do Meio para baixo, era uma família de gente, da família da Maria Brito, esse povo da Estelita, do Zé Prisilinha, os avós dele, era tudo dali de Catuaba.

Então eles foram embora. Apareceu um gringo em Jaguarari e comprou a fazenda deles e eles foram embora para aqui pro Catuaba. Esse gringo comprou as fazendas deles então falaram com o Júlio do Jerônimo, desse João Balbino, porque eles queriam uma pessoa para tomar conta das propriedades deles, daí é como diz: Deus escreve certo por linhas tortas, né? Ele sabe dos planos da gente e a gente não sabe, Deus sabe de tudo!

Daí eu sei que eles vieram aí para o Catuaba e aconteceu, quando ele começou a trabalhar aí em Catuaba, o Lampião chegou por aqui, aí o povo correu. Minha mãe correu de lá mais os meus avós e vieram praí, pra Catuaba, pra casa de tio João, mas morreram todos dois aí em Catuaba. Morreram meu avô e minha avó por causa de João Balbino que morava aí, ele ficou trabalhando no terreno desse gringo aí depois Deus ajudou que ele comprou uma propriedade onde a Lita mora, ali no Pau Ferro. Ele comprou uma propriedade e ficou morando ali. Quando aqui vier ter seca nos outros lugares esturricou, porque Catuaba era lugar que tinha água. Tinha duas chuvas, ali tinha o café, tinha o licuri. Ainda alcancei Seo Estevão plantando arroz, ali dava de tudo que plantasse, ali naquele lugar, e é como diz assim: minha mãe se mudou pra aí, casou com o meu pai e aí teve os filhos tudo, se criaram e ainda hoje estão por aí, outros por São Paulo, tão espalhados.

Esses gringos que vinham do começo do fim do mundo, que vieram pra Jaguarari, moraram muito tempo em Jaguarari. Esse homem chamavam de Zé Gringo. Era de fora. Não era brasileiro não. Esse gringo vejo dizer que era de fora. Não era de meu tempo. Já conto o que os outros me contaram. Esse gringo comprou essas terras, propriedades, então o meu tio veio trabalhar nas propriedades dele, ficou morando em Jaguarari, muita gente de Jaguarari conheceu ele. Os mais velhos tudo conheceu. Esse gringo tinha família. O vizinha de tio João Amaro, era casado com uma desse Zé Gringo, com uma tia dele que chamava até Glorinha. Eu não conheci, mas ouvia falar muito.

Agora eu nasci e me criei lá em Catuaba. Passei 32 anos morando lá. Aí eu mudei pra cá porque me casei. Me casei vai fazer 50 anos, no dia 15 de fevereiro, que eu casei. Ele ficou viúvo e eu me casei com ele. Ele tinha uma filha que casou no dia 26 de janeiro e nós casamos no dia 15 de fevereiro. A filha casou primeiro do que o pai, (risos).

O BREJO

Eu tive cinco filhos, porque naquele tempo morreu uma. Tive cinco, mas teve quatro criado. Tenho dois aqui e dois em Salvador. Ah! Catuaba era uma beleza. A gente ia buscar água no brejo, na estrada da Serra dos Morgados. Ali na fonte. Tinha a cacimba do Antônio Conceição, duas cacimba do Antônio Conceição. Tinha o Brejo, tinha o Bebedor, tinha o Tororó. Água descia fora-fora. E hoje em dia não tem. Só sabe que ali já teve água quem conheceu. A gente ia lavar roupa no Tororó, o povo do Tanque Novo, do Tanque de Terra, tudo iam lavar roupa no Tororó e o Tororó secou.



Figura 10: Saída de Catuaba para a região do Brejo (HERBERT, 2019)

Eu lavava que era uma beleza. Colocava aquele escorador de roupa, enchia aquela pia d'água com os panos, que quando torcia ficava aquelas roupinhas tão cheirosas (risos). De bem lavadinhas que eram. Naquele tempo a gente esfregava a roupa na mão, não tinha Qboa (marca de água sanitária), lavava com sabão de soda, botava pra cuarar, quando a gente estendia em uma cesta, chega quando o vento dava, chega vinha aquele cheiro de roupa limpa. E agora a gente ensaboa é com sabão em pó, e a *Qboa*, só tem cheiro de produto. É por isso que a gente anda todo se coçando. (risos)

PROFISSÃO DE PLANTAR

Meus irmãos são: Antônio, André, Carina, Nelson, Sebastiana e Teresinha. Sete comigo. quatro mulheres e três homens. Tudo nascido e criado no Catuaba! Trabalhando roça, capinando, plantando mamona. Eu plantava tudo! Plantava mandioca, capinava, plantava feijão, plantava café. Nas roças para ganhar dinheiro, plantava capim, plantei muito capim na roça do Antônio Conceição e da Pequena. A profissão da gente era essa: plantar!

A Fazenda do Pau Ferro era do Antônio Conceição. Ali onde hoje era do doutor Nilton, era do Antônio Conceição. Pagava nós pra plantar o capim, o feijão. Pagava meu pai também. Meu pai dava dia de serviço a eles. E a gente não tinha outro ramo, era esse. Porque naquele tempo a gente só vivia de roça e não tinha criatório, né? E esse povo que não podia criar nada, não tinha nem onde criar, tinha, mas era assim, aquele povo que eu não entendo como é que era aquele povo, porque era dono de tanta terra e não tem nada. Porque nunca fizeram jeito de cercar, nem os fundos das casas, ainda hoje tem deles que tem um vão no fundo da casa e não faz um roçado, não planta mamona, andu, mandioca, palma.

Eu não sei por que se tudo trabalhava de enxada meu rimão. Só sabiam capinar, não sabiam fazer outra coisa (risos). Sabe por quê? Eles tinham terras pro lado do Saco e tinham terra aí no Brejo. Eu via, meu pai cansou de dizer que tomaram terra de meu avô. Ali em Catuaba também teve, fizeram uma troca, ali naquela propriedade que hoje é do Kinho, a Fazenda Alvorada? Sabe? Pois é! Aqueles terrenos era tudo do povo de Catuaba. Então pra cá era da família Conceição. Daí disseram que fizeram uma troca, meu avô mais o avô do Louro que naquele tempo era assim: era vizinha com os vizinhos, aí disse: – “Vamos fazer uma troca! Vocês ficam com essa parte daqui e eu fico com essa!” Interessante que aquele terrenão do Pau Ferro era tudo do povo de Catuaba.

Daí o que foi que ele fez? Fez a troca, pra extrema da Lajinha pra Pedreira, daí quando ele cercou, que a extrema é da Lajinha com a Pedreira, parece que minha vó não quis aceitar que ele cortasse a cabeceira, e meu avô aceitou. Era pra ser reto, a cerca reta, aí ele chegou ali e fez aquela curva, que ainda hoje tá lá. A cerca fez aquela curva, imprensou na Serra dos Morgados, subiu e o povo do Catuaba ficou ali imprensado. E ainda hoje tá.

OS MORGADOS

O nome Morgados veio da família Morgados. A família Morgados tinha escravos. A família Morgados era tudo brancos, loiros, ainda hoje tá umas ramas por aí. A avó da Noemi, a finada Griselda e a Branca da Catita eram da família Morgados. Da parte dos ricos. E os nossos Morgados “pebas”, era porque era escravos deles, da famílias deles. Era escravos da família Morgados. E então o filho dos Morgados, junto com Josefa Teixeira teve caso com uma escrava e daí teve uma menina e deu o nome e deu a posse de terra e bens de folgo. Bens de folgo é criatório: gado, criação, tudo ele deu a essa menina. Daí se formou essa outra família com o sobrenome de Morgado. Que

é o Antônio Amaro, o finado Lourenço, uns que eu nem conheci, um Firmino e uma Josefa. Que essa mulher morreu e deixou esses quatro filhos: três homens e uma mulher.

E ela tinha outro irmão que era o Vicente Munduri. O velho chamava ele de Vicente Munduri. Os lábios dele eram tão grosso que parecia a porta de um Munduri, uma abelha. Munduri tem, assim, a porta estufada. E o povo chamava de Munduri por isso. Era a mãe deles que era escrava. Essa menina, a escrava, teve essa menina e esse Vicente. Eu nem sei como era o nome da minha bisavó. Eu não sei, o rapaz era filho desse não sei quem de lá do Morgado e Josefa Teixeira de Morgado.

Eu sei que eu tô contando o que me contaram. Pois é, e então dessa família, desses dois casal, dessa escrava surgiu-se esse sobrenome de Morgado. E a família rica não considerava essa família que era de escravo de jeito nenhum. Chamava nós era de raça. Que nós não era família era raça. Quando veio professora aí pra Catuaba não queriam nem que eles estudassem junto com nós por causa que os nomes eram iguais. Eles não queriam daí uns botavam o sobrenome de Alves pelo meio, outros de Oliveira pra não se assinar com Morgado, que os Morgados legítimos são eles. Mas eles não queriam que nós assinássemos como eles. Assinasse os sobrenome de Alves e outros Oliveira. Se assinavam mais com Oliveira. Mas eles é que são Oliveira por causa de Abileia, que era da família dos Morgados. E o Estevão já era de outra família. O Estevão era filho do finado Valério. Era da família do Valério. Aí misturaram a família e aí foi pegando os nomes, botando nos filhos e aí, já sabe, né? Mas os tais de Morgados legítimos são eles.

Eles chamavam nós de catrevagem. “Essa catrevagem!” E o pior de tudo que os filhos dessa Catita, o filho dela chamava Manoé. E os filhos dele assinavam como Antônio. Quando chegava uma carta no correio de Manoé Amaro, o Zé Amaro, o Chico Amaro, ou deles, às vezes, eles tiravam pensando que era deles, que o nome era um só. A Branca de Catita, o nome

era Josefa, o Antônio Amaro tinha uma Josefa também. Quando escreviam uma carta para a Branca de Catita eles entregavam a Josefa, aí ficava misturando.

Olha, até no meu tempo chegava uma carta da Bilé, e a Neném do seu Antônio tirava. Achando que era dela. Porque o nome da Bilé era Bistra e a Neném é Bistra também, aí quando pensar que não, a Neném tirava, pensando que era dela. Catita era dos mais ricos. Como é que diz: dos que tinham escravos. As sinhás. Essa Catita era uma sinhá daquele tempo. O nome dela era Catarina. Chamavam de Catita. Ela tinha escrava. A família dela tinha escrava. Agora o nome da escrava mesmo eu não sei de cor, mas nas escrituras tem o nome dela. As escrituras de posse de terra. O Lôô tem essas escrituras. O compadre Antônio tem escrituras, eles mais ou menos sabem como é o nome. Eu não sei se era Joana o nome dela. Eu não sei. Ela era mais ou menos negra. Agora o Zé Amaro era daqui da família do lado dos Brejão.

Era misturado. Cor de mel com terra. E ainda hoje tem gente deles por aí. Que era a família do Januário. O Zé Amaro era irmão do Januário. Ali do Lado do seu João. Eles não eram assim tão preto não. Os que eu conheci tinham os cabelos lisos. Porque as filhas da Elisara era tudo do cabelo liso. As dos Zé, do finado Luís, também tinha um cabelo liso. Era branca dos cabelos lisos. As filhas do Zé Pereira era tudo dos cabelos lisos. As filhas do finado André tinham os cabelos, assim, cacheadinhos. A Lira do André que a gente gosta de chamar de tia Ilda porque parece tia, o cabelo dela não é crespo. E assim, os mais velhos não sei de que jeito eram. Mas os mais novos ainda tem uma raminha por aí. Mas essas terras eram dessa escrava. Era da escrava dos Morgados. Eu só vejo falar que ela só teve esse caso. O caso que ela teve e teve esses dois filhos. Ela era minha Bisavô e era irmão do Vicente do Munduri.

SÃO SEBASTIÃO: CURADOR DAS PESTES



Figura 11: São Sebastião, Padroeiro (MARQUES, 2019)

O povo vivia era da lavoura. Deus dava chuva, tinha água por cima de tudo. Porque eu não conheci avô. Meu avô morreu de uma febre que teve aí em Catuaba e morreu um bocado de gente, inclusive morreu a mulher do Antônio Amaro, dois filhos e o irmão, dessa febre. Foram enterrados tudo na roça, porque não aceitaram enterrar em Jaguarari. Daí ele fez um cemitério dentro da roça dele. Depois disso, onde tem uns cemitérios, deve ter uma capela ali no lugar, né?

E assim se ajuntou eu, a cumade Ernestina e fizemos uma promessa pra pedir o dinheiro do povo, tirar esmola, pedindo ajuda a um e a outro pra fazer uma capelinha pequena. Depois se tornou aquela maior. Lá a gente botou o São Sebastião, porque eu tinha uma tia, a irmã do meu pai, e todo ano, por causa dessas febres e por eles terem medo, dizia-se que o Santo São Sebastião era o curador da peste. Livraria das pestes, das doenças. Aí todo o dia de São Sebastião, dia 20 de Janeiro, ela faz o acompanhamento.

Botava o São Sebastião lá na casa não sei de quem, aí fizeram uma capelinha, depois fizeram a igreja e botamos São Sebastião lá, para nos livrar da peste. E tá livrando, tá livrando. Ele agora fica na igreja e quando é no dia mesmo, ele faz aquela procissão. Eu não sei se leva para a casa da Ilda. Tem anos que faz até com o Zabumba, né? Não sei se ainda usa. Trazendo para capela. Antes era só a gente rezando e acompanhando o São Sebastião. Aquela tradição. Eu sou devota dele. Sou católica e amo tudo. Primeiramente a Deus sobre todas as coisas. Hoje são tudo crente. Os outros são tudo batizado nas igreja dos crente. O João é batizado na Cristã. O Maral se picou lá para Salvador.

REIS DE CATUABA

Eu não sei se meu avô morreu foi em 30. Eu não sei quando foi que ele morreu. Mas as festas, a gente brincava muito das festas de Reis. Era muito bacana o Reis em Catuaba, no tempo dos mais velhos. O Reis de Juacema perdia para o Reis de Catuaba. Dia seis de Janeiro a gente ia tudo pras portas cantar em tudo quanto era casa. Cada um já tava com uma garrafa de pinga guardada (risos). Aí distribuía ali pro povo. Ia gente daqui de Juacema, aí chegava nas casas e cantava o Reis. Era uns com as sanfonas. O finado Baiano com as sanfonas. O finado Macireno também pegava nas sanfonas. Outros com pandeiros. E ali se fazia a festa.

A gente começava no dia cinco e ficava até o dia sete, ainda tinha um Reis de umas lapinhas que eu que fazia a festa. Era o dos mais novos. A gente cantava o Reis que começava da casa de lá de baixo, que começava tudo. Quando a gente falava com as pessoas na entrada do início do ano que dizia: Feliz Ano Novo! Aquelas pessoas respondiam: — “E meu Reis, as minhas festas e meus anos bons! Feliz Ano Novo!” Eles respondiam: — “E meus Reis, minhas festas e meus anos bons!”

Me lembro! Aí quando chegava nas casas, aí chegava e cantava: — “Oh de casa, oh de fora, Oh de casa, oh de fora, escutai o meu dizer, ôh, escutai o meu dizer ôh,” (Nesse momento Raquel se emociona e começa a chorar). Eu me emociono. Quando lembrar um dia que foi a gente e nem voz tem (pausa e choro). Tão novo, quando lembro dos mais velhos. Eu não posso nem cantar que a gente fica emocionada (choro). Quando era nessa tempo de Reis, o finado Bazinho, a família se mudava para Catuaba. Como é que era? E hoje tá tudo acabado. Os mais velhos muitos já se acabaram, e os que estão tão tudo de arrasta que nem eu e muitos.

Pois é! Se acabou! E hoje em dia, eu lembro que meu pai dizia assim: — “Que quando ia dançar o Reis?” Quando pensar que não ele chegava e mamãe dizia: — “oxente manuel tu veio?” “Já!” A gente vai para esses lugares e os mais velhos me lembram, os amigos da gente tudo que já se acabou (emocionou novamente). Invés de ter alegria a gente tem é tristeza. E assim eu vou é me embora, e é bem assim mesmo. Os mais velhos, quando eu chego nos lugares e me lembro daqueles amigos daquele tempo, que brincavam juntos e que me lembram dos que já se acabaram, também ficam acabados.

Tudo vai se acabando aos pouco. A gente brincava muito nas rodas, as moças brincavam rodas trocadas. Tudo umas voz boas e hoje em dia não tem mais. Cantava, não tem mais. No Brejão, no Tanque Novo, no Tanque Velho, esse povo da Serra dos Morgados, daqui do Juacema, tudo ia para Catuaba, pra ver o Reis e brincar roda. Tanque de Terra, quando o Zé Marcelino ia pra Catuaba pro Reis, quando chegava pro lado do Cansanção a gente já escutava as vozes das moças. Tudo cantando.

BRINCAR O SAMBA

Eu não sei quanto tempo tem isso nem quanto tempo faz que Dinalva morreu. Sei que eu nasci em 36. Olha, eu lembro que eu já era moça quando começaram a cantar Reis no Catuaba, as

meninas novas. E o Antônio, que chamava Antônio de Fé. Morava em Catuaba, daí dizia assim: — “Esse povo de Catuaba parece que não tem juízo, porque uma seca dessa e todo sábado eles brincam um samba!” Aí ele, o finado Piroca, respondeu a ele: — “Porque nós somos caboclo brabo. Quando tamos no ruim espera o bom. Quando tamo no bom espera ruim.” E era assim. E aí, a família que morava no Tanque de Terra, e o povo de Catuaba amanheciam o dia brincando o Samba. Era assim: dançando, dançando. E juntaram dos outros lugares e ali faziam a festa.

O Samba fazia parte dos Reis. Sambavam as mulheres, os homens tiravam as mulher e as mulher também sambavam. E brincavam Roda também. Quando tava brincando Roda, que a Roda tava boa, os homens: — “Não vem que a Roda tá trabalhando, tá saindo do Samba para vim para Roda.” Daí acabava a Roda para vim buscar Samba. E quando tava clareando o dia: — “Amanheça o dia, amanheça diga o meu bem que apareça”. Oxe, ali era uma farra medonha. Até o dia amanhecer. Era só festa!

SÃO JOÃO

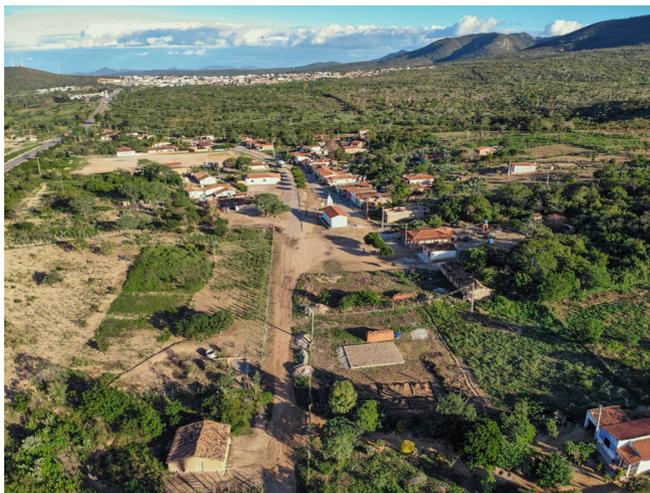


Figura 12: Catuaba e ao fundo Jaguarari (HERBET, 2019).

São João era lá em Jaguarari. Toda a vida foi em Jaguarari. Às vezes fazia um sambinha. Muita gente não ia pras festas em Jaguarari e acabava fazendo as suas farras ali no Catuaba. Eu casei com 32 anos. Toda a vida na lida de roça. Cheguei aqui em Juacema porque meu marido era ferroviário, casei com ele, fiquei morando aqui. Depois que vim não pensei em voltar a morar em Catuaba mais. Ele (marido) até ainda falou e comprou uma casa no Jaguarari, mas antes ele queria ir para Catuaba. E Eu: — “Oxe! Vou sair daqui para ir morar no Catuaba? Aqui não tá me faltando nada!”

Ele comprou uma casa em Jaguarari. Daí ele falando que era para a gente ir para o Jaguarari. Ai eu perguntei: — “o que é que tá nos faltando aqui?” Ele: — “Nada”. — “E o que é que vamos fazer no Jaguarari? Pra quê comprou essa casa no Jaguarari? Parece que só foi para comprar.” Daí sei que ele comprou, quando foi um dia ele foi pra Jaguarari e chegou: — “Homi! Tu é que tá certa. Tu acredita que hoje eu fui para Jaguarari, para feira, e cê acredita que para chegar lá na casa, só cheguei porque me descansei, na casa do cumpadre André? Com uma dor nas pernas, antes de 12:00 estava com uma dor nas pernas. Antes de cozinhar o bode.”

Ele saía para comprar bode bom porque aqui era só reboliço para comprar um bode bom. Aí ia para Jaguarari. Quando chegou ele disse assim: — “tu é quem tá certa!” Aí vendemos a casa. Antes dele morrer já tinha feito o negócio com rapaz, e ainda não recebeu, quem foi receber o resto do dinheiro foi eu. Gosto de Juacema. Graças a Deus eu me dou com todo mundo. Todo mundo se dá comigo, os filhos já não moram por aqui, os que moram por aqui já não querem. Um que mora em Esplanada e outro mora no Cipó, lá no Aracaju, tem gente espalhada por tudo canto.

JEJUAR PARA COMER ARROZ

Esse tempo é diferente daquele. Oxe! O que a gente comia? Feijão com osso de boi, gostoso que é uma beleza. A gente comprava uma alcatra de boi, hoje em dia, joga pro mato, de primeiro pra nós era uma beleza, uma panela de feijão com um osso de boi, nem cachorro comia porque não sobrava (risos). Arroz, ninguém falava em arroz. Tinha gente, como eu falei nestante, que alcançamos plantando arroz. Arroz a gente só comia de ano em ano na semana santa.

Porque gente pobre não tinha arroz. Daí era medida que as crianças, tudo queria jejuar, pensando que só comia arroz quem jejuasse. E um dia, eu conversando isso com uma senhora, ela disse: — “Oh e era só as crianças?” Ela disse que moça feita já, pro lado de onde ela veio, no dia de sexta-feira da paixão, tudo quanto era cruz o povo visitava. Disse que quando voltava dos pés de Juazeiro, tava alastrado de Juá. Disse que elas sentaram o pau comendo Juá. Quando chegaram em casa: — “Oh! Que eu comi tanto Juá! Chega venho com sede.” Aí disse que a mãe: — “Comeram Juá? Pois vocês não estão de jejum mais. Quebraram o jejum.” E elas foram chorar, e eram moça feita. Pensando que só comia arroz se jejuasse (risos).

Daí disse que a mãe: — “Não pode comer arroz (risos)!” Não era só as crianças não. Mas diz que toda a criança era: — “Vou jejuar, vou jejuar pra comer arroz”. Porque achavam que só comiam arroz se jejuasse. E não era só da minha família não. Era desse povo todo. E hoje eu vejo que não tem jejuar mais. A gente ficava comendo escondido para as mães não saberem. Eu não fazia não, mas muitas conversam que faziam isso. Porque ficava comendo escondido da mãe (risos), dizendo que tava jejuando porque achava que se dissesse que não tava jejuando não comia o arroz.

Aí era um arroz com licuri solto. O tempero era esse. Arroz com licuri e feijão de corda. Oxe! Uma panela de feijão de

corda com maxixe e licuri, ave maria, era comida boa. As moças de primeiro não se importava de comer para engordar. Quanto mais comia, mais tinha vontade. Se dava bem. Hoje em dia é que não come mais que é pra ficar magra. Ninguém se importava em crescer a barriga. Sempre assim.

Agora tinha uma coisa: o povo era pobre e assumia que era pobre. Hoje em dia tá uma descaração porque muita gente quer ser o que não é. Antes cada um no seu quadrado. Cada qual no seu quadrado. Porque naquele tempo um vestido de um tecido desse eu não podia nem usar porque era tecido bom. A gente vestida qualquer um porque, graças a Deus, nunca me faltou as minhas roupinhas, mas qualquer xitinha eu tava satisfeita.

E hoje em dia a gente vê filha de gente pobre que não possui nada com calçado bom porque quer aquele calçado. Daquele jeito. Se é uma roupa quer porque quer daquele jeito. E no fim nem tão vestidas, tão nuas. Porque a gente vê cada roupa que é só uma aparência. Nem tão vestida. Antes não era assim não! De primeiro, vestia era um vestido, uma camisa e um saiote (risos). E quem tinha dinheiro, ave maria, as vestes eram diferentes. Era aqueles vestidos bacanas. Graças a Deus nunca me faltou as minhas roupinhas. Mas não era do bom e do melhor, mas nunca me faltou. O importante é isso, né?

QUEM SABE LÊ JÁ ENSINA

Quanto aos estudos, meu pai não queria que, quem fosse mulher, estudasse. Homem podia. Eu lembro que o finado Zé Batista, padrinho de minha amiga, um dia de tarde, chegou lá em casa e disse: — “Manoele bote sua filha pra estudar porque vem tempo que quem não souber ler não empurra nem uma carroça de lixo na rua”. E já tamo vendo. Quem não souber ler não empurra nem uma carroça de lixo na rua. A primeira professora que teve formada em Catuaba era neta do Zé Batista, a Solange, filha da Eliza Borges.

Assinar o meu nome eu sei! Eu cheguei a dar escola (risos). Porque naquele tempo quem fazia uma carta e lia já podia ensinar para outro que não sabia nada, porque tinha uns que não sabia nada. Daí já era ensinar. Quem tinha dinheiro, tinha estudo porque em Jaguarari não tinha ginásio, só tinha em Bonfim ou Juazeiro.

As mulheres filhas de pais que tinham dinheiro estudavam. Aqui mesmo no Juacema tinha gente que os filhos estudavam em Bonfim, as filhas do Manelzinho da Deca estudavam em Bonfim, as filhas da Vanda estudavam tudo fora.



CAPÍTULO 3

3. Cartografía I

3. CARTOGRAFIA I



Figura 13: Vista geral de Catuaba (HERBERT, 2019)

Os três relatos dos moradores (Lôlô, Liguêna e Raquel) nos guiavam para uma conclusão: apesar de se reconhecerem enquanto pertencente aos grupos em sua descendência no acesso mediante as histórias dos antepassados, há uma atribuição de valores para esses grupos e acreditamos que este processo é realizado mediante a um procedimento de relembramentos com algumas falhas, mas que desenham as memórias que também influencia na construção das identidades dos sujeitos.

De tal forma, pensar no tempo, nos 100 anos de história relatada (a partir do resultante numérico da idade da população), nos oferece uma análise que possibilita o estudo da relação na comunidade, na qual as práticas sociais e aspectos culturais refletem claramente a herança de um ethos negro, indígena

pouco valorizado, muitas vezes ressignificado pela população. É perceptível nas narrativas, em seus fragmentos e sutilezas, a presença da identidade negra, indígena, branca (estrangeira e cigana), como marcas de suas identidades.

Assim, pensamos que essas relações étnico-raciais, formadas historicamente na comunidade, e fora dela, através das construções das imagens e representações sociais, contribuem para a própria formação de Catuaba. Pensando nos “marcadores sociais” que foram atrelados às populações negras e indígenas em todo o território brasileiro, marcadores que foram formulados a partir de teorias biológicas e racistas, certificadas pelo saber científico da época, que atrelava aos seus corpos significados errôneos, portanto o ser negro/indígena ou descender negro/indígena, e em resultado o ser de Catuaba, é margear diante desses processos de violência e exclusão.

Entretanto, como aponta as histórias de vida dos moradores mais antigos, apesar da clara divisão de grupos que formaram a comunidade, em algum momento, eles se misturaram e as diferenças, sobretudo raciais, se diluíram no tempo e no espaço.

A ideia do conceito racial interpretada pelos sujeitos passou a ser deduzida através das marcas corporais e pelos processos de vivência em seus territórios. Em resultado, pensar nos sujeitos que são visualizados mediante a esses marcadores, embora se tenha um caráter inverídico dessas leituras, nos faz acreditar que há uma espécie de leitura que os diferencia na memória.

MORGADO É UM DESNOME

A violência sistêmica e estrutural, aqui encarnado e objetificado na figura do estado, é o que limita. É sua trajetória que permite ter uma reflexão sobre a sua condição social. Ainda assim, também permite que tecessem a dinâmica da comunidade, bem como a conjuntura social, a partir das

impressões do cotidiano. Defendemos que essas classificações fenotípicas foram/são determinantes para a naturalização de estigmatização-violências/racismo a partir de um contexto histórico-social brasileiro que constrói um imaginário coletivo e que orienta as relações entre negros, indígenas e brancos na sociedade.

Esta idealização, que se camufla mediante a bandeira da "harmonia racial" escondia a manutenção das hierarquias raciais vigentes em todo o território brasileiro, na qual o segmento branco populacional, a sua estrutura na construção da branquitude, foi pensada/tida como dominante principal e constituidor de um ideal a ser alcançado. É a partir desse entendimento, que percebemos os processos de estigmatização-violências/racismo que são proferidos a população de Catuaba. Se durante os processos de construção da comunidade havia diferença socio-racial, na contemporaneidade essa diferença, apesar de presente, tem se diluído com a história.

Se durante os anos da construção da comunidade de Catuaba, no processo que se autoafirma - nos 100 anos de existência, percebemos que as diferenças estruturais se perpetuam, sobretudo, por ser uma comunidade aonde as políticas públicas não chegam a contento. Durante o século XX ocorreram diferentes mudanças territoriais, com a "modernização", a urbanização ou ampliação às oportunidades educacionais, sociais e culturais, que tinha como objetivo a redução das desigualdades, incluindo no que tange aos aspectos raciais. Se pontuarmos de maneira análoga aos processos de urbanização da cidade-sede, Jaguarari, a comunidade de Catuaba não houve uma mudança grandiosa, quando houve foi tardia.

Embora se tenha trabalhado políticas sociais universais, como a implementação de políticas públicas para a redução das desigualdades socioeconômicas, partindo de uma ótica macro, não se observou uma trajetória de redução das desigualdades nesse contexto territorial. Nos últimos anos, as mudanças

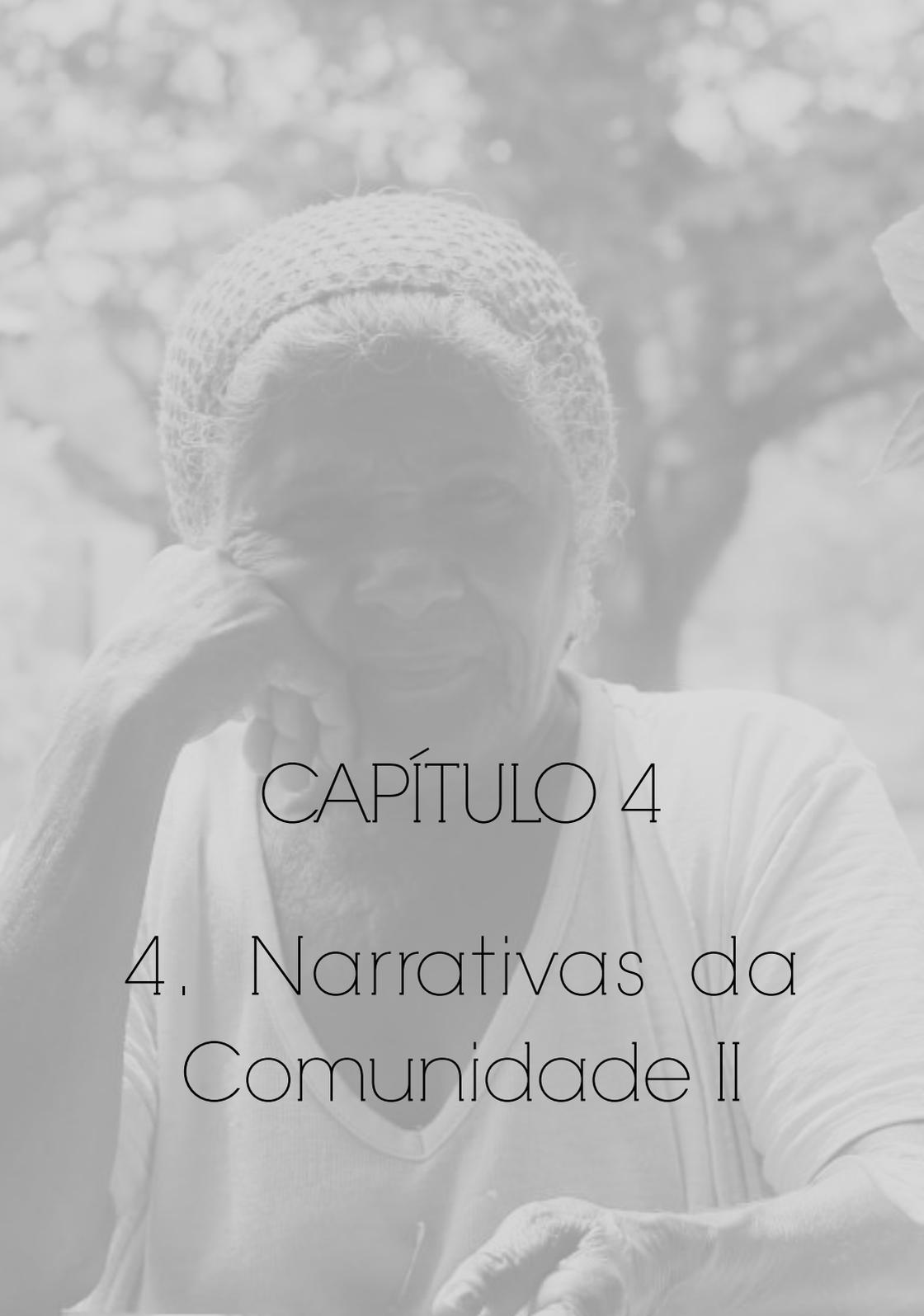
da comunidade foram progressivamente deixando de ser consideradas. É urgente um olhar para Catuaba que, de seu jeito tímido e silencioso, agoniza!

Ainda assim, afirmamos nas diferentes formas em que as violências raciais atuam no funcionamento das instituições e organizações e que operam de diferentes maneiras na distribuição de serviços, benefícios e oportunidades. Aqui, os sujeitos relatam a dificuldade em exercer o direito ao acesso aos serviços de saúde, na qualidade da atenção à saúde, assim como o acesso aos insumos básicos, como a políticas públicas instaladas em âmbito nacional. A implementação das políticas públicas é o resultado concreto para a visualização dessas desigualdades. É a partir daí que esses grupos passam a definir também a sua cidadania em termos de seus direitos.

Os relatos nos permitem identificar o processo de organização da Comunidade, destacando-se o fato de ter surgido num contexto de relações escravocratas. A origem do nome CATUABA, confunde-se com o sobrenome dos Morgados e com a existência de uma espécie de árvore (*Eriotheca candolleana*), bela árvore brasileira que pode atingir a altura entre 12 a 24 metros de altura, ideal para paisagismo e arborização, também conhecida por suas propriedades afrodisíacas, digestivas, estimulantes, na época, era abundante nesse território.

Era uma comunidade alegre, festiva, religiosa. Entretanto, observa-se, parte das tradições estão sendo esquecidas sobretudo o Samba e o Reis. A devoção a São Sebastião ainda se mantém firme e originou-se da crença de ser protetor da peste, doença que, num passado não tão longínquo, matou muitos moradores da comunidade.

Esse trabalho é bem superficial. Esperamos que outras pesquisas sejam feitas para evidenciar de forma mais intensa, como se deu os processos identitários dessa comunidade do interior do Sertão do Brasil: Catuaba.



CAPÍTULO 4

4. Narrativas da Comunidade II

4.1 ANTÔNIO BARBOSA DE MORGADO



Figura 14: Seo Antônio (BORGES, 2019)

Rapaz, o nome, que é um quebra-cabeça, eu não sei se é porque tinha uma árvore chamada Catuaba, mas quando eu vim ao mundo aqui em Catuaba já foi com esse nome publicado de Catuaba da Estrada. Eu acho que mais ou menos inventaram e botaram esse nome por isso, porque outra coisa não foi. E aí de lá pra cá cada ano vem modificando. Catuaba aqui era uma casinha aqui e outra acolá. Aqui era mato e a rodagem passava aqui (aponta para o local), mas só que naquele tempo quando passava um carro era diferente de hoje que o trânsito você sabe né, e aí o carrinho passa por aí quando passava um por dia aí foi ficando e a BR ficou pro lado de lá e Catuaba continua no mesmo lugar.

O tanto de casa que tinha naquela época a gente pode contar: tia Gatinha, Mãe Véa, finado Antônio, minha avó, Seo Joaquim que é parente dos penteados, Piroca, Ambruzina, Antônio e José. Tinha aqui o finado Zezé, tinha aqui (aponta pra

o local da casa de João Bernardo) o finado João Bernardo, a veia Humbilina e João Amaro. E hoje em dia dá pra pensar em mais ou menos 60 casas de famílias.

Agora eu acho que só pode ter sido o Zé Amaro e a família que chegou aqui primeiro. Bisnetos e tataranetos (risos). Agora não sei há quanto tempo porque quando nós viemos no mundo se entender, eles já tinham morrido. Desses mais velhos que nós alcançamos só foi a Vêa Umbilina e o finado Antônio, os outros já tinham morrido. Eu digo da nossa família. Os mais velhos.

Primeiro veio Jaguarari e depois Catuaba. As pessoas aqui viviam da lavoura, da roça. Nossa família não tinha criação de animais só roça. Naquele tempo, quando chovia, plantava café, banana e mandioca, coisa de roça mesmo. Hoje, devido ao tempo, não tá plantando nada. Óia, aqui o Nordeste e principalmente o Catuaba tão vivendo às custas dos pais, da família que é aposentada. É isso ai. Eu sei e todo mundo sabe que é assim. Porque passa dia e você não vê um criador desses aí porque aqui não tem fazendeiro, tem criador. A roça é tudo mato. Mais ou menos eles têm medo de aplicar o que tem na agricultura, no capim pra engordar. Essas coisas não estão existindo mais. Meu pai, Manuel Lourenço de Morgado, é daqui. Agora minha mãe é das caatinga. De um povoado que tinha aqui chamada Lagoa dos Curral.

4.2 DAMIÃO



Figure 15: Damião (BORGES, 2019)

Sobre o Samba de Palmas, meu pai primeiro me ensinou a bater pandeiro, eu comecei primeiro a bater pandeiro. Ele me levava e eu batia pandeiro a noite toda com ele, com o Zuquinha, o Aponias, o João Amaro, o finado Chico Amaro, o João Balbino, o finado João Baté, as mulheres daqui e também as minhas irmãs.

Quando eu comecei eu tinha 12 anos de idade. Os principais eram o João Amaro, o Zuquinha, o finado Aponias, o finado Chico Amaro e o finado Fulô que batia cavaquinho. Eles pra fazer o Reis, e aí quando terminava o Reis dos homens, tinha o Reis das mulheres aqui. Que as mulheres participavam também do Reis.

Eu aprendi com o meu pai. Ele batia, ele pegava no pandeiro, batia e aí quando ele terminava, me entregava o pandeiro, eu começava a bater pandeiro, e aí fui aprendendo. Agora aí eu não sei lhe informar se foi promessa ou foi inventiva dele pra fazer isso. Porque foi ele mais o Amaro, o finado

Zuquinha, o finado Aponias, o João Balbino e o Zé Marculino que inventaram de fazer esse Reis.

Começa no dia três de janeiro e vai até o dia seis de janeiro. São três dias de festa direto sem parar. E esse Reis é da igreja católica daqui, mas tinha muita gente de fora. Da Serra dos Morgados, tinha gente do Lajedo, Juacema, Jaguarari, até ali da Lajinha vinha gente. Do Flamengo vinha gente. Esse Samba acabou quando os véios faleceram. Foram ficando véio, a idade, e aí acabou. Depois que o Piroca morreu. Tem mais ou menos uns três, quatro anos que o Samba acabou. O Piroca morreu e ainda continuamos um pouquinho. O Zuca, o Aponias e o Dadinho ainda continuaram.

Foi. O Dadinho, o Adão, o Zuca... Aí depois que o Zuca e o Aponias morreram foi que desandou mesmo. É acabou tudo. Isso tem uns quatro anos.

Eu tenho dois filhos, mas não quiseram aprender não porque se criaram pra São Paulo. Eu sinto saudade. Tenho vontade que volte, mas essa rapaziada nova de hoje não quer. Só querem esse negócio de farra, negócio de festa. O Samba daqui era bom demais era falado. Aqui era falado.

4.3 RAIMUNDO MORGADO



Figura 16: Raimundo Morgado (BORGES, 2019)

O meu avô era mais alto do que eu tinha cabelo crespo. Ele era assim da minha qualidade, moreno. Eu não lembro da minha avó. Só alcancei meu avô. Eu me criei nessa casa aí. Eu só fui duas vezes pra São Paulo. Gostei, mas não quis ficar lá porque tinha família. Eu tinha casado novo. Me casei em 60, no dia 29 de setembro de 60. Quando foi em janeiro de 62 fui pra São Paulo. Aí arrumei emprego, trabalhei oito meses e vim embora. Quando foi em setenta e dois tornei ir, passei 10 meses, vim embora .

Tenho oito filhos, tudo nascido e criado aqui. Eu também nasci aqui. A minha parteira foi uma mulher que chamava Ana. Toda vida morei aqui, toda vida. Minha casa era uma casinha de palha ali detrás (aponta pra o local). Dos mais velhos conheci meu avô Antônio José de Morgado, a finada Umbelina, a finada Rosa e a finada Sinhá. Dizem que o finado Lourenço e o finado Antônio eram daqui do Curral da Ponta, entre o Socotó e a Gangorra que são municípios de Campo Formoso.

De lá veio Seo Amaro, que é o mais velho, ele e dois filhos. Aí ele casou com a finada Umbelina e o finado meu avô que casou com a finada Sinhá, com a Vêa Rosa e era viúvo casado com as

três irmãs. Ai bagunçou tudo (risos). Vieram com o povo daí de cima, pernambucano e cearense, que tem bastante em Jaguarari. Vieram e aí não voltaram mais. Aqui mesmo tinha um rapaz da Serra que vieram tudo pequenininho, depois ele descobriu a família dele e todo ano ia pra Pernambuco.

Antigamente não tinha água encanada. Água a gente ia buscar no jumento e comprava o barril e a luz era de candeeiro com querosene. Ninguém tinha nada naquela época. Nem hoje em dia, porque Deus nos ajudou. Uma pessoa da minha idade, se não fosse essa aposentadoria, já tinha morrido de passar fome. Eu criei oito filhos dando dia de serviço. Essa aí mesmo sabe (aponta pra esposa). Graças a Deus meus filhos são tudo inteligentes. Seis filhos homens. Tenho dois professores, um trabalha em Bonfim na Sacramentinas que é o Paulo. O Isael trabalha em Jaguarari na prefeitura, mas como professor. Aloíso trabalha em São Paulo.

Aqui não tem engenho, mas tem casa de farinha que era do João Pedro Conceição e ficava bem ali dijunto onde é a casa da Mudinha. Só tinha um engenho em Jaguarari. Porque naquela época a turma de Jaguarari fazia rapadura lá num lugar por nome Bendó.

Pra usar a casa de farinha, naquela época, cobravam, em seis cargas de mandioca, oito pratos de farinha. Se botasse três cargas, era seis pratos. Não era em dinheiro, era só farinha. Era só falar, colocava mandioca lá, rapava, cevava, imprensava e depois ia mexer. Todo mundo usava. Aqui tinha quatro casas de farinha. Hoje só tem duas. Acabaram as chuvas e o povo deixou de trabalhar. Todo mundo hoje quer estudar, e vai estudando e os que podem trabalhar não vai trabalhar. Os velhos, num tempo desse, como é que trabalham? Na estiagem não tem chão molhado e nem os velhos podem mais trabalhar também.

O Zé Amaro e a família, povo falava, que eram do Curral da Ponta. Do lado direito do Socotó. Mas só veio o Antônio Amaro e o finado Lourenço. Eu tô com 83 anos e mais ou menos tá com 200 anos ou mais que Catuaba existe porque eu com 83, caminhando pra 84 e já existia.

4. 4 GENEROSA LUISA DA SILVA MORGADO, “GENA”



Figura 17: Dona Gena (BORGES, 2019)

Meu nome é Generosa Luisa da Silva Morgado, mas todo mundo só me chama de Gena. Só quem me chamava por Generosa era meu pai, minha mãe e meu sogro. Só. O resto é tudo Gena. Nasci e me criei aqui. Nasci na casa de meu pai Pedro Bernardo da Silva, mais conhecido como Piroca. Minha mãe é a Luísa. A parteira era de Jaguarari se chamava Maria Lourinda.

Tenho cinco irmãos: Eu, o cumpande Véio, o cumpade Zuca, o Burrego, a Alinda e a Mira, que era surda. Mas mamãe teve bem uns 20. Mas se criaram cinco. Seis com a surda. Três mulheres e três homens. Todos nasceram e se criaram aqui em Catuaba, inclusive mamãe e papai nasceram aqui. Já meu avô por parte de meu pai, diziam que ele era do Piauí. Agora a minha avó nasceu e se criou aqui. Já meus avós por parte da mãe eram daqui.

Meu pai e minha mãe eram morenos. O pai de meu pai era branco. E minha avó, a mãe de meu pai, era bem morena do cabelo crespo. Os pais da minha mãe eram morenos também. Quer dizer, eu só conheci o pai de minha mãe, agora a mãe dela eu não conheci.

Do passado eles me falavam da seca que tinha. Que quando era tempo de seca eles iam pra caatingas, pro Saco pra catar imbu, comer xique-xique e frade. Tempo ruim. Aí eles iam pras caatingas.

Meu pai foi quem inventou o Samba mais meu sogro, o Fulô. Os cabeças do Reis aqui de Catuaba eram eles dois. Vinha muita gente de fora: uns homens do Oiteiro, Seo Elias, o João Vicente, Seo Balbino, que era da Serra, mas que mora aqui na rua. Vinha muita gente pra brincadeira aqui.

Eles começaram cantando nas casas. Em casa uma noite eles cantavam. Em cada uma noite, a primeira noite eles começavam por aquela rua de lá, a outra noite pra aqui, aí na outra noite iam cantar no Tanque de Terra, na casa de um cumpadê que papai tinha lá. Seo Marcelino, Dona Rosa. E às vezes a gente ia no Samba na Serra. Eu nunca fui no Samba no Oiteiro, mas na Serra eu já fui, já fui em Jaguarari, já fui no Tanque de Terra. Quem me levava era papai.

Eu não aprendi tocar nada, mas meus irmãos batiam pandeiro: era só o cumpadê Véio e o Nêgo. Só cantava os cânticos que eles faziam, mas aí você não me pergunte porque eu não sei, não me lembro mais. Não me lembro mais das cantigas não.

Eu comecei a ir com uns 18 anos. Porque quando nós éramos meninas ainda não tinha esse Reis aqui não. Aí depois que a gente ficou crescida foi que inventaram esse Samba aqui, foi que inventaram esse Reis aqui, aí nós brincávamos. Mas quando nós éramos meninas, papai e meu sogro iam pro Samba era fora. Lá no Oiteiro, na Volta, no Tanque de Terra, Juacema, no Flamengo, na Serra, aí depois foi que eles ficaram tocando aqui.

Depois que eles morreram ficaram o Zuca, o Aponias, que era o meu cunhado, um homem de Jaguarari, o Adão. Aí nós ficamos brincando, né? Todo ano a gente brincava, todo ano, todo ano. E aí depois o Zuca adoeceu, morreu. Não me lembro quem morreu primeiro se foi o Aponias ou se foi o Zuca. Aí depois que o Aponias morreu essa juventude não quer nada.

Não aprenderam. Acabou. E o Reis acabou junto. Agora só tem a festa de São Sebastião.



Figura 18: Lembranças do Reis (BORGES, 2019)

Eu participo da festa de São Sebastião. A gente faz a procissão. Pega o Santo da casa da Ilda e leva pra igreja, lá assiste a missa, tira os cânticos. E depois da missa, a gente fica brincando ali com os pifeiros, né? Aí logo, logo termina tudo e a gente vem deitar.

Eu vivo da minha aposentadoria de trabalhadora rural. Naquela época trabalhava na roça. Plantando e colhendo. Agora é que a gente não tem nada de roça. Mas nós já tivemos muita coisa de roça. Agora só com esse dinheiro. Quando dá uma chuva a gente planta, mas o sol entra e aí não tem nada. Perde tudo.

Plantava maniva, feijão de corda, feijão de arranca, milho, andu, abóbora, melancia. Plantava para comer em casa. Às vezes a gente vendia farinha, porque tinha muita mandioca na roça aí a gente arrancava seis cargas, arrancava oito. Aí a gente não ia botar tanta farinha dentro de casa, a gente ia e vendia na feira em Jaguarari.

Era muita gente que comprava farinha. Porque só ia farinha pra feira mais daqui de Catuaba. Porque aqui tinha mandioca mesmo. Naquele tempo a gente tinha mandioca, mas hoje aqui só quem tem uns pezinhos de mandioca é o Dadinho aí, o cumpade Arnaldo, o cumpade Lôlô e o Demário, só.

OS PENTEADOS E OS MORGADOS

Sobre os Penteados, eu conheci aí uma família dos Penteados mesmo: o Mané do Cândido³, o Cândido⁴ véio. A Margarida do Cândido⁵, a Bobó⁶, a Joaninha⁷. Tudo era Penteados.

E Morgados era de meu sogro. João Morgado. Ele era meio claro. Tio João era claro. Agora a minha sogra, Milu, era mais escura do que ele. O cabelo dele era liso, olhos pretos. Já ela era morena, o cabelo dela não era bom nem era ruim. Ela era do Oiteiro, mas ele nasceu aqui. Nascido e criado.

Como eu disse, no tempo de seca não tinha nada aqui e eles se arribavam pras caatingas caçar refúgio pra lá: xique-xique, imbu. Meu pai e meu sogro ainda foram pra São Paulo. Aí depois voltaram. O povo gostava de ir para São Paulo porque aqui não tinha trabalho, né? E naquele tempo em São Paulo tinha. Agora que São Paulo tá ruim e perigoso, mas antigamente todo mundo que ia pra São Paulo trabalhar. Trabalhava! Eles mesmos deixavam as famílias e iam pra lá. Eu nunca saí daqui e nem penso porque eu tenho dois filhos. Eu tenho um filho em São Paulo e tenho um que tá morando em Minas e eles já pelejaram que deixaram foi de mão, pra eu ir passear. Vou nada homi! E agora é que eu não vou mesmo! Depois de véa?! Não! Não! Deus me livre!

Aqui é meu lugar e eu quero morrer aqui. Porque eu me acostumei com o meu lugar. Sossegado, né? Depois quando a

3. Manoel Marques Conceição, *in memoriam*.

4. Pai de Manoel Marques Conceição, *in memoriam*.

5. Irmã de Manoel Marques Conceição, *in memoriam*.

6. Maria Marques dos Santos, *in memoriam*.

7. Joana Marques Conceição

família cresce... Mas eu não tenho passado daqui não. Só vou ali na rua. Quando tem precisão eu vou em Bonfim, mas pra São Paulo não tenho vontade de ir não.

No passado, para a gente tratar uma doença, uma dor de barriga, curava com chá de orelha d'onça. A gente tinha uma dor nas costas, eu tinha um tio ali que chamava João Bernardo, ele rezava na gente e no instante a gente ficava bom. Se a gente desmentia um pé, ele rezava e no instante a gente ficava bom. Fazia um remédio na panelinha, né? E aí ficava bom. E hoje as doenças não tem mais remédio.

Quando as pessoas estavam doentes, era só ir lá que ele rezava. Antigamente essas dores a gente chamava de virtuosidade, aí ele rezava e num instante a gente ficava bom. Ele só rezava da virtuosidade e pé desmentido também.

Já de olhado e de vento caído quem rezava era a Deca, que é a mãe do Pedrinho que também agora reza. A cumadê Helena, aquela que morreu, a mulher do Antônio rezava de olhado e de mal de vermelho. Quando pensava que não, ou braço ou uma perna ficava aquele vermelhão, ficava aqueles carocinhos, aí o povo dizia que era o mal vermelho. Aí ia lá e ela rezava e sarava. Naquele tempo ninguém ia pro médico (risos). Curava com os remedinhos de dentro de casa e com as rezas.

PARA PARI, PARIA AQUI

Para pari, paria aqui. Eu nunca tive, eu tive cinco filhos, só tinha aqui dentro de casa. Agora hoje, né? Quando as mulheres tem menino vai logo pro hospital. Eu tinha um bocado de pé de manjeriço e morreu. Agora que tá fazendo uns pezinhos. Eu tinha um pé de capim santo, mas ficaram me pedindo e eu dando aí morreu. Aí eu dei uma muda ao Lilico, dei uma muda ali a Vanilde, aí o meu, foi indo, foi indo, e morreu.

É difícil eu ficar doente. Eu gosto de beber uma raizinha. Eu vou ali no bar da Mudinha: - "Mudinha me dê uma Angélica,

ou uma Pindaíba, ou uma Catuaba!” Tem outras raízes lá. E bebo desde eu nova, quando nós ia buscar a Santa. E ainda hoje eu gosto. Demais não porque tudo demais é veneno, né?

De criação eu criei. Galinha eu criei um bocado, mas depois eu comia, eu vendia, e aí ficou se sumindo, e aí a minha casa aqui é no aberto, né? Eu deixei de criar, meu marido aí um tempo ainda criou uns porcos. Aí depois deixou.

AGORA SÓ VEJO VAIDADE

Eu agora só tô vendo a vaidade, mas antigamente era bom. A gente saía pro lugar que a gente queria, a gente ia lavar roupa no pé daquela Serra, nera? A gente se livrava era de uma cobra, às vezes o gado, o pasto lá era cheio de gado, tinha vaca valente a gente tinha medo, e o povo naquele tempo falava que andava onça, era sorte que a gente tinha medo, e hoje em dia tem medo até dentro de casa, né não? E antigamente não, a gente saía... Eu mesmo tinha uma roça lá perto da Serra dos Morgados e eu cansei de ir pra lá sozinha e Deus. Só encontrava gente conhecido e hoje a gente tem medo até dentro de casa, de tanta coisa ruim que anda no mundo.

Pra lavar roupa nós ia mais companhia. Só mulheres. Eu tinha uns 40 anos, quando nós lavava roupa lá. No Tororó, chamava Tororó. Enquanto o meu esposo ia trabalhar na roça, eu ficava em casa. Oxe! Era bom demais homi! Antigamente era bom, agora hoje?! Antigamente a gente comia uns carocinho de feijão melado no sal, e achava tão bom. Nós comia, antigamente se comia um arroz na Semana Santa de ano em ano. A gente dava graças a Deus quando chegava a semana santa pra gente comer um arrozinho, e a gente comia aquelas comidas com tanto gosto, e hoje em dia a gente tem o dinheirinho da gente, a gente compra arroz, e compra o macarrão, compra uma carninha, compra um frango, e compra uma coisa, e come. E nada tá me servido. Tem dias que eu digo assim: - “meu Deus o que é que eu

ainda estou fazendo aqui neste mundo véio!” A gente não tem mais gosto minha filha. Sei não oh! A gente se criou foi na roça. Meu pai mesmo nos criou foi na roça. Nós capinando, meu pai no dia de serviço, e eu a Neném, a Mira, a Linda, a minha irmã, nós limpava a roça. Nós arrancava mandioca, colocava na casa de farinha, puxava a roda, enchia aqueles pouquinhos de farinha, nós nos criamos foi na roça, agora hoje tem um descansozinho por um lado, e por outro a gente não tem. E a cabeça oh!

Eu não pensei em ir morar na cidade, deixa eu aqui mesmo. Eu tenho dois filho. Tem um em São Paulo, tem um em Minas e eles pelejaram para eu ir dá um passo, pra eu ir lá ver eles, e nunca me deu vontade de ir, eu vou sair daqui para morar no Jaguarari? Vou nada! Aqui pra mim tá bom. Porque não vem melhoria mesmo! Entra prefeito e sai prefeito e nenhum faz nada no lugar da gente!

4.5 ARISTEU MARQUES DA CONCEIÇÃO



Figura 19: Aristeu (MARQUES, 2019)

Sou Aristeu Marques da Conceição, tenho 97 anos de idade. Sou Pai de sete filhos, quatro homens e três mulheres. Sou filho de Cândido Marques da Conceição e Jovina Florenço dos Santos. Tenho mais seis irmãos, o mais velho é Manoel Marques da Conceição que já morreu. Eu nasci em Catuaba ,no ano de 1922.

Meu pai nasceu, ou melhor, foi criado no Juazeiro e minha mãe aqui em Catuaba. Eles moraram em Catuaba. Tinham roça, tinham casa e depois, no tempo dos bandidos, nós mudamos tudo pra Jaguarari. Foi nos anos trinta e tantos, tempo de lampião, aí nós mudamos praqui. Nós viemos morar lá embaixo nos pebas, lá perto do campo de futebol. E os catingueiros saíram das caatingas porque eles (o bando de Lampião) botaram eles (os caatingueiros) para fora e moravam tudo lá perto, vizinhos nossos, em trinta e dois (1932).

Meu avô por parte de pai, José Marques, pegava um feixe de lenha perto do Tanque de Terra, na Dama de Pedra, e trazia praqui. Botaram o nome dele de “cavalinho do cão”. Dizem que ele tinha relação com os índios. Daqui eles foram embora para Alagoinhas. O meu avô e minha avó, por parte de pai, foram enterrados numa cova só em Alagoinha. O nome dela era Clemência, que era do Jacunã. Já pelo lado de mamãe eu não conheci meu avô, mas chamavam ele de Antôin Melado, porque ele era vermelho, sapecado, ele era daqui mesmo de Jaguarari e minha avô pelo lado de mamãe era do Jacunã.

CATUABA NOS TEMPO ANTIGO

Em Catuaba nós tem poucos agora. Eu perguntei uma menina do Catuaba e ela me disse que lá só tem gente de fora. De nossa família mesmo tem a mulher do Zé Timóteo, que eu não sei como é o nome dela, tem uma do Zé Vicente, a Carmelita, tem o Mário que trabalhava na prefeitura, que é da família nossa, que é do povo do Severino. E tem o Arnaldo que tem um taxi, que é filho de um filho de um tio nosso.

Na época nossa lá tinha a Joana Bernarda, o Pedro Situmba, o Chico Amorim, o João Timóteo, Vei Bilina... Nós morava quase tudo no mesmo bolo. Eu já alcancei lá por nome de Catuaba. Morava muita gente ali. Agora dizem que tem muita gente lá, mas as casa eram afastadas umas das outras, mas tinha muita casa ali. Morava Zé Liandro, Chico Anduri, Balbino, pra cá morava o Marmiliano, Roberto... Tinha casa pra danar ali... O João da Presa, o Chico Amorim, o Panela Crua, o Piler, o Estévão. Tinha muita gente. E na frente morava os Amaro: Tonho Amaro, Zé Amaro, João Doido, o Lino, Zé Lourenço. Morava muita gente lá, agora as casas eram espalhadas.

Família lá tinha os Amaro, que parece que era três ou era quatro. Tinha os Panela Crua. Morou o João Curralinho, morou o Chico Biana, João Biana, José Santana. Tinha muita gente lá. Os

Amaro é diferente dos Penteados. Os Amaro é de outra família de gente. Dos Peteados que eu sei são: o Severino, Joaquim, José, João Véio, Lino. E Penteados é por que eles tinham os cabelos lisos. Que o véi meu avô, da parte do meu pai, é da família dos Penteados, que os cabelos eram lisos. Da minha mãe era desse pessoal da Juacema. A mulher do Zé Inácio era tia dela. Era tia da mulher do Mariano que era prima de mamãe.

O povo do Zé Inácio é parente nosso. Nós ainda tem uns parentes na Serra dos Morgados. Aquele povo da Serra tem o Zé Sirilo, que morava lá; o Zé Contentente... Tinha a Bastiana... Ah! Parente é que nem formiga: tem muito. O Manoel da Né é parente nosso também. O Manoel da Né é casado com uma prima de mamãe. Ele tem uma vendinha defronte da padaria do Wilson na rua do Tabaqueiro (Alto São Vicente). Parente é um magote danado. Já os Morgados eu conheci em Catuaba. Aquele Vicente, o Véi Milino, eram do Mulungu, mas moravam no Catuaba.

AS GROTAS

Mamãe tinha um pedaço de terra nas grotas e papai tinha na Dama de Pedra, ali perto do Tanque de Terra. Ele trocou com Pedro Filho com uma terra encima daquela Serra acolá (apontando para a Serra dos Morgados). A roça dele era seis tarefas e era pegada com a do Hermínio. O gado do Hermínio era danado pra entrar na roça. Papai tinha uma rocinha de abacaxi encima da Serra, era uma tarefa que ele tinha de abacaxi lá. Aí na Serra o terreno era grande, aí o Pedro Filho disse: - “Cândido, vamos trocar. Tu vai me dar aquela roça alí da Dama das Pedras, como é pegado com Hermínio, eu vendo ao Hermínio, e tu fica com aquele pedaço lá de cima da Serra que o meu gado sobe e morre de Tingui⁸. Nós vamos trocar.” Aí papai trocou.

8. Erva daninha/venenosa.

INDO DE JEGUE PARA JUAZEIRO

Eu sou professor que tem encima desse chão. Eu sei de tudo. Eu sei até os pau que fulora e não cai a flor. Eu conheço um bocado de coisa, viu! Eu sei porque a ema não voou, eu sei porque cachorro toco não passa na ponte, eu sei o que Deus fez e não acabou. Eu conheço um bocado de coisa.

A ema não voou porque ela não tinha fé em Deus. Aí Deus disse: - “amanhã todo pássaro voa!” Aí a ema disse: - “ou Deus queira ou não queira, nós tem que voar!” Aí quando foi no outro dia todo pássaro voou e ela ficou batendo as asas. Só a ema não voou. Já cabaça, Deus fez a cabaça, mas não fez a boca porque deixou para o homem fazer porque o homem é a semelhança de Deus.

E o cachorro toco não passa na ponte porque é toco. Eu sei até a hora que jegue quer se deitar, homi. Eu viajei com tropa daqui pra Juazeiro, quando o jegue pegava a trotar, podia ver que aquele ia se deitar, pra esfriar o lombo. Ia pra Juazeiro levar café e trazer rapadura e peixe. Era 90 quilos de café que nós levava em cada jegue, entregava o Viana Braga lá na beira do rio (margem baiana do Rio São Francisco), completava de peixe e rapadura e voltava. Era dois dias e pouco para ir e dois dias e pouco para voltar, quatro dias e meio. Nós saía três e meia do sábado e ia chegar quinta-feira. Eu, meu tio padrinho, um da Macambira e o Antônio Carreiro.

PAU DE CATUABA

Qual é o pau que tem mais no mato? É a Jurema? Nada! O pau que tem mais no mato é pau torto! Brincadeira. É o pau pereira, ele fulora, mas não cai a flor, porque o rojão dele é esse. Pau pereira é o pau de opinião, todo pau fulora e cai, só o pau pereira não. (risos). Pau de Catuaba é bom para remédio e tem dele que tem um oco que é bom para as abelhas.

Por falar nisso, a abelha mais sabida que tem é o Arapuã que fecha a porta para o poente mode a chuva não molhar. Olha: - “O mundo diz uma coisa/ Eu acho que ele diz bem/ Quem nos vinte não tem barba, aos quarenta não tem/ Nos vinte e cinco não casa/ Nenhum dos três obtêm/ Manoel Lopes dos Anjos nunca foi casado/ Dizia sempre:- “A mulher é um volume pesado/ Deus me livre de mulher, de médico e advogado”... Dois pesos em uma balança, nem pesa nem dá fiel, rapaz. Dois carneiros de chifre não bebem numa cumbuca só não! Pense nessas coisas (risos).

PISANDO EM FOGO

A festa de papai e mamãe era o Sampa de Palma aqui em Catuaba, no Tanque de Terra, no Juacema. Nenhum deles tocava, era só pra beber cachaça, cantar e dançar. Cantava Samba. Eles não eram envolvidos com candomblé não. Quem gostava de andar em candomblé era eu e a Margarida, minha irmã. Nós gostava de andar só pra ver os feitos deles. Aí nós íamos para a Mata Verde pegar umbu e o Manoel Alexandre tinha um candomblé lá e ele tirava cantos danados pra ver se a Margarida, mas a Margarida nunca caía. Manoel Alexandre pisava em fogo, cansação e não se queimava. Manoel Alexandre era terrível. Ele tinha uma ponta de boi no aió, quando ele queria acender um cigarro, ele pegava um pedaço de lima, batia numa pedra e fogo espinava para todo canto.

Já o Manoel, meu irmão mais velho, não gostava dessas coisas não. Ele só veio acreditar um pouquinho depois que a Alice, mulher dele, caiu doente e foi tratada e com passar do tempo ele passou a acreditar um pouco. A esposa de Manoel Marques Conceição foi Alice, que não me lembro o sobrenome, mas sei que ela nasceu na Caatinga de Porco e de lá foi o Chico Branco que criou ela aqui.

TORORÓ: A AGUADA QUE SUMIU

Quando viemos embora de Catuaba ainda não tinha nem luz e nem água. A gente ia buscar água no Brejo. As mulheres lavavam roupas no Tororó. Elas iam lavar roupa no Tororó. Agora é que tem água aí encanada, mas antes não tinha não. Oxe! Eu ia mais mamãe. Eu não sei como é que uma aguada daquela se some, parece que foi porque queimaram a serra e sumiu a água, porque era água, menino! Oxe! Corria água aí à vontade, era as mulheres lavando roupas e correndo água aí à vontade... e aí secou. Do Samba conheci muitos lá do Catuaba. Piroca Bernardo, o João Bilina, o Satu... conheço um bocado deles lá.

Monoel, meu irmão mais velho, tinha, parece, duas roças aí na grota. Mamãe tinha uma aí e vendeu ao Henrique soldado. A dela era lá encima, perto da Serra mesmo, perto da subida.

Eu trabalhava roça, larguei. Trabalhei um ano e pouco na estrada de ferro, mas eu gostava de andar mais soldado, aí o soldado disse: - “larga isso e vem pra polícia que a gente não trabalha”. Aí eu disse: - “sabe que é mesmo!”. Aí eu abandonei. Fui trabalhar de servente de pedreiro, depois trabalhei no exército seis meses, depois fui vendedor de carne no açougue.

Mas antes de trabalhar vendendo carne, fui trabalhar fazendo caçua com papai. Naquele tempo existia carga de jegue, era uma tropa danada. A gente fazia caçua toda semana. Pra fazer o caçua a gente corta uns arco de pau que isola, cipó grosso, faz a medida, finca no chão e aí tece. Fica tecendo. Trabalhei foi muito, essas beira de serra eu conheço tudinho.

4.6 TEREZA BARBOSA DE MORGADO (DUZINHA)



Figura 20: Dona Duzinha (BORGES, 2019)

Minha mãe veio da caatinga, Lagoa do Curral. Já meu pai nasceu e se criou aqui mesmo. Minha avó da parte do meu pai era daqui e minha mãe veio das caatingas com medo do Lampião. Corrida, com medo, veio morar aqui. Veio por causa do Arvoredo, o que era cangaceiro naquele tempo né?!

Meu pai já trabalhou na Fazendinha. Tinha uma casa lá e depois que nós casamos todos, mãe passou pra lá. Nós tínhamos roça lá. Ai depois ele veio morar em Jaguarari e a gente sempre ia mais os tios né? No lugar onde minha mãe morava, que era na Lagoa do Curral e tinha meus tios tudo lá por parte do meu pai. Aí ela saiu de lá corrida com medo do Arvoredo, do povo que não era do meu tempo né? E casou com um rapaz daqui do Catuaba, filho daqui do lugar, e aí teve nós tudinho e ficamos aqui e nunca saímos pra lugar nenhum. Eu mesmo nunca saí.

Meu avô sentava e falava: — “eu sei que não vou alcançar, mas vocês vão alcançar uma estrada preta sem fim com uma burra com quatro pneus, com zóio iluminado”. Ele dizia que

nessa estrada ia matar e ia morrer muita gente. Eu não alcancei meu avô, mas meu pai ainda viu as motos. Pai ainda alcançou a estrada. Um avião por riba piscando aí passando por riba das nossas cabeça (risos). E esse negócio que passava por cima da cabeça era o avião piscando, um aeropão como eles falavam, passando, piscando. Meu pai ainda alcançou o avião, os carros e já morreu muita gente nesses aviões também. Meu pai conta que meu avô que contava pra ele.

Meu avô dizia: — “eu não vou alcançar, mas vocês vão. Mas vai morrer muita gente!” E essa burra eram os carros. Não sabia chamar porque ele não alcançou o carro, então ele dizia com quatro pneus uma burra e o zóio de fogo. Agora que nós viemos entender. Quantas pessoas já não morreram nessa estrada preta sem fim?

Papai me contava que eles ficavam assim atrás das casas de noite conversando e nesse tempo era no candeeiro. As moças quebrando licuri pra compra suas coisinhas, seus pertences. Hoje que tem água e tem luz ainda se queixam. Meu Deus! O que é que esse povo ainda quer na vida? Que nem nós foi criado..., E então meu avô contava isso tudo. Ele dizia que quando os homens quisessem saber mais do que Deus mudaria os tempos.

Agora por que ele mudaria os tempo (risos)? Porque eles (homens) querem saber mais do que Deus. E num é mesmo? Ele falava: — “vai chegar um tempo de farinha na prateleira.” Ai meu pai dizia: — “como na garrafa.” Aí nós estamos comprando no quilo nos mercados. E tudo passado. Eles não sabiam que vendia farinha. Meu pai mesmo arrancava mandioca, fazia farinha, eu puxei muita roda com esses braços (aponta pra o corpo) na casa de farinha puxando roda pra sevar mandioca.

Era uma sevando e eu mais meu pai numa roda só rodando. E aí ele vendia farinha. Nós levávamos na mala, colocava no jegue e vendia na feira. O pessoal comprava e hoje em dia o povo nem jegue tem mais pra andar como antigamente. Nós andávamos era montados no jegue pra ir pra caatinga, pra essas

necessidades que precisávamos e hoje o povo é só de carro, né? Por isso que o povo anda tudo entrevado (risos).

CAIXAS BEM COISADINHAS

Da história deles, ele conta que só brincadeira de Reis. Que meu pai não gostava de nós em festa quando tinha Samba, né? A gente se arrumava e brincava até o dia amanhecer, mas já festa não era com meu pai não. Ainda alcancei minha avó. Ela era bem bonitinha, velhinha. Já alcancei ela velhinha. Aí depois ficou em cima da cama. Eu tinha uma tia, que mora perto da casa da avó da Gisele, nossa casa era ali também. Aí a gente começou a tradição do Reis, né? Depois foi o Reis da Lapinha. Naquele tempo tinha umas carteiras de cigarro que tinha um papel douradinho por dentro e a gente já começava a juntar no mês de novembro pra enfeitar.

Nós fazíamos umas blusinhas de pano, arrumava umas caixas bem coisadinhas e dali fazia as coroinhas. Sainha de papel crepom e quando era ali do dia seis pro dia que era o nosso Reis da Lapinha. Aí nessa casa aqui era bom. Tem dias que eu choro de eu lembrar do meu tempo (fala bastante emocionada). A gente passou precisão, né? A gente não vai dizer que não passou, mas era bom. Era animado. Mas hoje em dia você não ver mais alegria que tinha naquele tempo.

Agente ia buscar água no brejo, lavar roupa no tororó, lá em cima na serra (aponta para o local). Chegava, botava a roupa pra estender, voltava e ia pegar água no Brejo. A gente ia tão alegre pra lenha, ia buscar água de noite e não tinha medo. Era mata do lado, mata do outro e juntava aquelas moças e ia buscar água de noite cantando. A lua clara que só o dia, e hoje em dia quem disse que vai mais, vai mais não. Nem na roça vai mais só porque tem estrada pra todo lugar.

Naquele tempo era no jegue, era essas coisas, né? E hoje em dia faz medo a gente andar. Pois é, nós íamos pro Tororó, que era o brejo, onde era a roça do finado Beбето. Ali descia

água igual uma cachoeira. Vinha direto, passava e nós passava por cima, ia lavar roupa lá em cima da Serra. Agora tinha uma pedrona (pedra grande) assim e descia aquela água (faz o gesto da água descendo). A água era igual mineral. No meu tempo de moça. Ia lavar roupa lá e era gostoso, era bom.

Aí nós íamos brincar o Reis da Lapinha, fazia as coroinhas, nós tudo moça, e o Dadinho na sanfona, outro rapaz no bandeiro e nós cantando e batendo palma naquela alegria. Era bom. Aí já era tudo misturado, por exemplo, os homens podiam ficar na fila e as mulheres todas arrumadinhas como eu falei: — fazia as coroinhas, as blusinhas de pano, a saia de papel crepom rodadinha, os tocadores na frente, uns cantando e nós respondendo o Reis da Lapinha”. Quem cantava era a Toinha e nós respondíamos. E nós cantava e respondia.

Quem tocava era o Dadinho, primeiro no cavaquinho, aí ele comprou uma sanfoninha pequena e começou a tocar na sanfona toda a vida do Reis dos mais velhos e o da Lapinha mais o outro batendo no pandeiro. Gente, meu fio, vinha de todo lugar. Vinha gente até de Salvador pra olhar um Samba que teve na casa da avó de Gisele, que era do Piroca. Nós brincava até o dia amanhecer. E você não via uma pequena conversa.

Nós cantava, nós tirava o Rei da Lapinha, eu e a Toinha, então as outras respondiam e o Dadinho no cavaquinho ou na sanfona e o Elias no pandeiro. As roupas era com a Toinha. Nós íamos pra casa dela lá em cima e o primeiro Reis era na casa dela. E a lapinha, fazia a lapinha na casa da Milu.

Eu nunca fiz lapinha, quem fazia era a Toinha, nessa casa aí onde mora a Generosa. E lá pra cima era o pessoal da Soledade. Esse povo já morreu, agora só quem faz a lapinha todo ano é a Linda. Ela falou que era pra gente cantar o Reis esse ano, mas não teve. Era gostoso, era nos candeeiros. Quando me casei, enchia a barriguinha de meus filhos, botava pra dormir e ia pro Samba. Toda hora vinha olhar pra ver se os meninos não ia pegar o candeeiro e toca fogo em tudo (risos). Oh! meu Deus! Era trujejo, mas nós vinha olhar (risos).

Tem o Reis Grande que é o dos mais velhos, que era do meu pai, do finado Piroca, do Aponias e do Fulô. Eles cantavam e nos tudo respondia junto com os outros homens que estavam esperando. Eles cantavam primeiro e nós respondia. Era no dia seis pra o dia sete, o Reis Grande. Aí do dia sete pra o oito era o nosso da Lapinha.

Dos velhos, no Reis da Lapinha, Só o Dadinho. O pessoal do velho acompanhava o da Lapinha. Eles iam, mas não iam muito não. Era só mais nós que era jovem assim, né? Eles iam, mas não era como no Reis deles. Agora vinha bastante gente só pra olhar. Era tudo famoso tanto o da Lapinha como o dos Véios. Vinha gente de todo lugar.

O nosso Reis era bonito. Era coroinha, era coroa que nós fazia. Era bonito. Tinha roupa vermelha e azul. Era saia de papel crepom, as blusas eram de pano. Agora as coroinhas eram de papel e papelão. Botava areia, umas estrelinhas prateadas de carteira de cigarro. Ficava bem bonitinha. Era chique hein!?

Para participar era qualquer idade. De 12, 13, 14 podia brincar. Até 10 anos. Até velho se quisesse brincar, brincava. Mas a tradição acabou porque os mais velhos morreram. Morreram e quem tá agora de cabeça não sabe ou não quer cantar mais. Aí a gente deixou, aí não tem mais a tradição do outro tempo.

Meu pai não deixava ir pra festa, para o Samba. Quem disse que a gente ia pra Juacema? Eu tinha uma irmã que casou, e foi embora pra São Paulo, que só conhecia da igreja de Jaguarari pra cá (risos). Aí nós só conhecia Jaguarari. Nunca fomos pra uma festa. E nem aqui. O Dadinho tocava dia de sábado, todo sábado, na casa do pai dele, vinha gente de Jaguarari e nós de casa só escutando o povo cantando. Quem disse que a gente ia? Pai não deixava. A gente ficava só no gosto. Quem era doido de vestir uma roupa mais curta para meu pai dizer: — “oh! pode tirar essa roupa!” A roupa era pra baixo do joelho. Nem calça por debaixo da nossa roupa ele queria.

A gente ia trabalhar e fazia umas peneirinhas e colocava uma liga nas pernas. E a gente era chique. O povo dizia que era mulher da pele bonita (risos). E hoje bota tanta coisa na cara e ninguém ver nada (risos). E a gente ia trabalhar e pra todo lugar com paninho na cabeça (risos).

A LAPINHA DE REIS

A Lapinha é uma tradição bonita, meu filho, e naquela tempo era no escuro. Vinha tanta gente... Fora as rodas trocadas que pegava um aqui, pegava outro ali (faz o gesto como pegava) e aí vai rodando e cantando: — “sim do lêlê, sim do lêlê...” (risos). Deixa eu ver se me lembro de um Reis da Lapinha:

Oh! de casa ô de fora
Oh! de casa ô de fora
Maria vai ver quem é
Maria vai ver quem é
São os cantador de Reis
São os cantador de Reis.
Do divino São José é
Do divino São José é

Tinha diferença do Reis da Lapinha para o Reis dos Véio, mas não me lembro. Agora é bonito ó! Quem fez o Reis foi o Piroca, Pedro Bernardo da Silva, o bisavô da Gisele. Ele não sabia lê. Eu me entendi ele cantando com os outro mais velhos. Era o Piroca, o Fulô, um rapaz daqui do Tanque de Terra, o finado Marcelino, que vinha pra cá pra Catuaba e tio João Amaro, o pai do Dadinho.

Aí esses vinham, por exemplo, o avô da Gisele cantava referindo a Gisele e os que estavam mais o João Amaro cantavam o Reis pra responder. Aí o povo ficava de porta fechada e eles cantavam: — “me abre essas portas e também os portões” (risos). Aí ficava um bocado de senhor de idade, né? O Aponias não sabia, aprendeu. Dizem que ele tava na roça, aí chegou uma pessoa e ensinou a ele. E aprendeu o Reis todinho. Era uma promessa. Não era pra deixar de cantar e aí ele cantava. Ele aprendeu na

roça, ficou cantando, mas Deus tirou ele.

O Reis daqui foi uma promessa feita pelo Piroca. Que enquanto ele fosse vivo era pra cantar. Aí depois que o Piroca morreu, o Aponias continuou. Aí a gente cantava e teve um que a gente foi fazer lá no bar da Mundinha, o derradeiro que teve lá. Mamãe ainda era viva nesse tempo. Vai fazer 13 anos que mamãe morreu e ela ainda era viva quando teve esse Reis lá e parece que foi o último do Aponias. Ave Maria! O Aponias cantava o Reis todinho, todinho ali e era igual ao Piroca e Tio João Amaro. Ele não atrapalhava o Reis de jeito nenhum. Ave Maria! Era bom! Só lembro do meu tempo.

Passasse o que passasse era alegria na vida. Oh! Que quando chegava esse tempo, oh! Meu Deus, tomara que chegue o Reis! Tomara que chegue a Semana Santa pra comer arroz com licuri, melancia, banana, rezar na casa do meu tio João Balbino... A gente começava rezar na Quarta-feira de Cinzas e terminava quando o dia amanhecia, rezava a noite todinha. E não sabiam ler, nem minha mãe nem meu tio. Tudinho sabiam os benditos e a gente respondia.

Aquele bocado de moça. Reza bonita, umas rezas tão bonita, tempo bom. E hoje em dia tem uma Igreja ali e nem abre. O povo é que tá mudando as coisas, não é Deus não. Deus tá lá no seu lugarzinho. Agora a gente não faz o que Deus manda, né? Era bom! Chegava o dia cinco, era dia de alegre. Pra cantar o Reis, brincar, sambar e tira um e tira outro e o Dadinho colocava o samba pra gente ouvir.

Pra voltar esse tempo, não volta não porque quem é que vai cantar? O Dadinho começou com o pai. A gente sabe bastante pé, mas pra cantar q'nem eles não sabe. E assim como a Toinha sabe o Reis, pra cantar nós duas e as outras responderem, num canta mais. Aí acabou a tradição do Reis da Lapinha. Agora aí tá duro, só se o Piroca e o Aponias vierem nos ensinar. Ai nós tira. Eu sei bastante pé. O que era bom acabou. O que era doce acabou. Ah! Era gostoso meu fio!

4.7 DADINHO – O JARDINEIRO DO REIS



Figura 21: Dadinho (BORGES, 2019).

OS SAMBAS

Por isso que eu digo: — “tem diferença do Samba dos Novos e dos Véios”. O Samba dos Véios cantava: - “oi ele, oi ele, com uma camisa de seda e calça sem goma”. Aí o batuque e o povo dançando. Quem chegasse lá tinha que sambar. Era bonito. A Gisele não era viva não. A Gisele não era nascida ainda não (risos). Já tem bem uns cinco anos que se acabou, se não tiver mais.

O Aponias ainda cantava de vez em quando. (Nesse momento da entrevista Dadinho coloca uma fita para ouvirem o samba). Esse aí era no candeeiro. Ainda tinha o João da Tê. Ali era pra botar o Reis primeiro pro menino ver, depois o samba. Aí é o Samba, não é o Reis. A fita já é velha. Nessa fita aí tem vinte mortos.

CANTO:

Marmeleiro, marmeleiro
Que nasceu no pé da serra
Na casa de gente rico
Cavalo rincha e o boi berra

Aí a gente batendo palmas, a sanfona e gente dança no samba. Era animado. Isso no Reis dos Véios, mas no da Lapinha

também a gente sambava quando a gente entrava dentro de casa e puxava as cadeiras e sentava (risos). Em cada casa durava assim até quando terminava porque começava na frente e entrava pra dentro das casas, aí brincava ali um pouquinho, aí saía e ia pra outra casa.

CANTO:

Eu quero ver coam, eu quero ver coam....

Eu quero ver coam, eu quero ver coam....

Foi bom aquele Reis. Foi o último. Não teve mais um bom. As músicas são nossas mesmo e a gente tirava os batuques pra nós brincar (ouvindo o samba). É mesmo que eu estar vendo eles tudinho (referindo-se aos que já morreram).

CANTO:

Se não for lá do seu gosto me diga que eu vou embora

Se não for lá do seu gosto me diga que eu vou embora..

Que eu quero entra pra dento, ô

Que eu quero entra pra dento, ô

Quero ver se são valido o santíssimo sacramento

O santíssimo sacramento...

Essa casa e bem feita, essa é bem feita

Cercada de mamoneira, cercada de mamoneira....

Aí uns cantam e outros respondem. Aí abrindo a porta pra entrar, depois entrando. As toadas deles, do Fulô, do Piroca e do Chico Amaro começavam com a porta fechada.

CANTO:

Piaba ê, piaba ê

Piaba ê, piaba a...

E bom era no último dia do Samba. Essas cantigas tudinho a gente cantava na hora. A gente aprendia tudo. E terminava quando fechava a porta. O dono da casa fechava a porta, aí os tocadores ficavam assim empezinho na porta, aí ele começava a cantar o Reis e o pessoal respondia, aí abria a porta e ali eles iam tirando a toada, respondendo e quem tava ali dançava o Samba. Às vezes até meia noite, mas como era muita casa, ficava até umas nove horas. Tinha música de agradecimento. Aí eles saíam e iam para outra casa. Dia cinco em uma rua e dia seis na outra.



CAPÍTULO 5

5. Cartografía II

5. CARTOGRAFIA II



Figura 22: Igreja Matriz (HERBERT, 2019)

Neste momento da nossa pesquisa nos deixamos levar pela música cantada por dona Duzinha. Aquelas frases cantadas nos fazem lembrar da nossa infância, do cheiro, do som, da liturgia religiosa que se apresentava nos primeiros dias do ano. Acreditamos que todos ali presentes naquela sala, Duzinha, Gisele, Dadinho compartilhavam de um *antropus* comum, que era inter cruzado pelas histórias de cada um. Foi um sentimento de grupo, pois seguimos com os versos, mas cada um ali presente acessou de uma maneira diferente suas memórias do passado.

Os reisados são eventos tradicionais de pequenas cidades. Mais comum na região Nordeste, é uma festa de caráter religioso-cristão que tem como simbologia representar o caminho feito pelos três reis do Oriente, desde a noite do dia

25 de dezembro, data em que se comemora o nascimento de Jesus Cristo, até o dia seis de janeiro quando os Reis chegaram a Belém. Para entendermos a importância dessa tradição para a comunidade, partimos de perguntas-guia: O que é o reisado? Como esse processo se apresentava na comunidade de Catuaba?

Nesse traçado, partimos em primeiro momento da verbalização de Duzinha. O seu olhar tentava traduzir e codificar as suas lembranças. A memória do Reisado, entendida aqui enquanto uma manifestação cultural e religiosa, ganha diferentes significados. Ele vai além do aspecto da socialização entre grupos, é o movimento que dá movimento à comunidade, “Oh meu fio naquele tempo era bom, não era como hoje não. A gente se divertia”, disse Duzinha.

Cabe ressaltar, que a trajetória de vida de Duzinha, em um aspecto profundo da sua singularidade e subjetividade, ganha espaço nas vivências dos outros membros da comunidade. Em uma espécie de resumo, a fala de Duzinha possui o mesmo sentido da de Gena, como se assemelha com a de Dadinho (Pela pau⁹). O Reis, por muito tempo, tornou-se um festivo espaço de sociabilidade para o grupo. Entretanto, com a morte dos mais velhos, essa tradição candidata-se a viver apenas na memória saudosa de alguns poucos moradores.

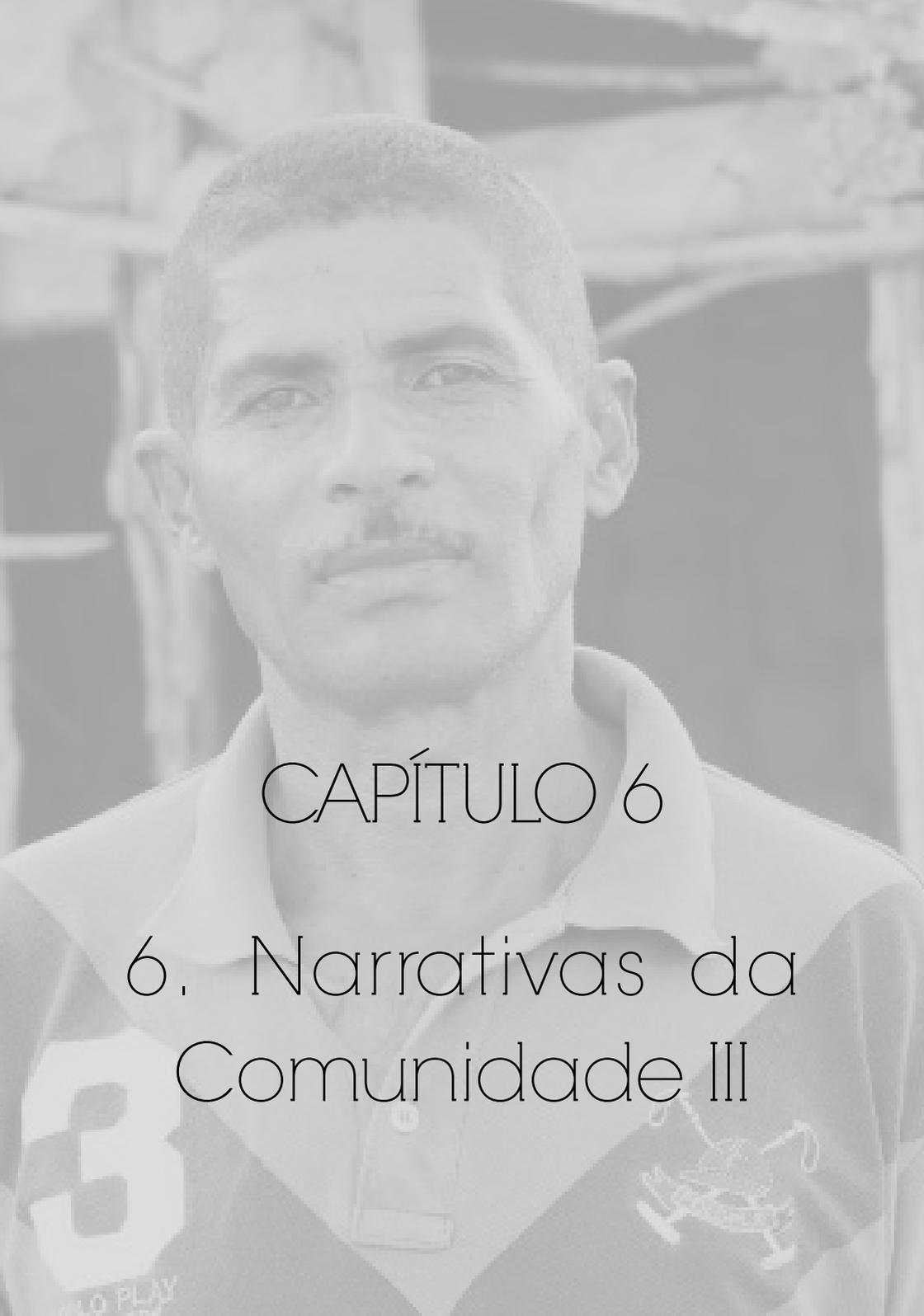
Com o passar das nossas conversas, ou melhor, as prosas como gostávamos de chamar, alguns dos conceitos e porquês foram sendo escurecidos. O surgimento do Reis em Catuaba é dado aos nome de Pedro Bernardo da Silva, o seu Piroca. Com mais alguns amigos, Fulô, Marcelindo, João Amaro, foram responsáveis por garantir a perpetuação cultural em alguns anos. Aponias não sabia cantar e nem tocar, e aos poucos foi aprendendo em um *modus* empírico. Os moradores em conjunto afirmaram que tudo isso surgiu mediante a uma bênção cedida em decorrência de uma promessa feita por Piroca, “enquanto

9. Apelido carinhoso de Dadinho por exercer a atividade como servidor público municipal no cargo de cuidador/podador/jardineiro de Jaguarari.

ele fosse vivo era pra cantar, e foi minha fia”, conforme afirmou Duzinha.

Em todo momento, as palavras, os gestos, a proximidade entre locutor, as fotografias que eram trazidas para legitimar as suas falas, compunham a construção de sentido e memória/história de Duzinha. Como um pintor que constrói a sua obra, Duzinha utilizava das mãos, o movimento dos olhos, o seu corpo como processo de linguagem e como se naquele instante pudesse recriar a história. Não conseguimos traduzir nesse texto, mas a história dos Reis é contada e cantada com a alma, com o corpo, com os olhos que, vez ou outra, eram carregados de lágrimas de saudades.

De tal modo, as histórias acerca do Reis de Catuaba se diferenciavam, pois estão aglutinados dois tipos de manifestação: O Reis de Lapinha e o Reis Véio ou Réis Grande. Como uma espécie de guarda-chuva que agrupa os aspectos culturais, os Reis, e abaixo desta categoria há os dois elementos. Cada um com uma organização, uma temporalidade diferenciada e com papéis de gênero demarcados.



CAPÍTULO 6

6. Narrativas da Comunidade III

6.1 ARNALDO



Figura 23: Seo Arnaldo (BORGES, 2019)

PENTEADOS E MORGADOS

A Conceição vem das famílias dos Penteados. Olha, a origem dos Penteados, dos mais velhos já vem da descendência até o presente momento. Eles eram pretos, dos olhos negros, né? O cabelo de índio. O cabelo de índio é aquele cabelo, liso, preto, bem liso mesmo. Que você olha assim... E aí botaram o apelido de Penteados, porque só vivia penteando, porque eles só usavam o cabelo coisado, desde aquele tempo. E Penteados porque só viva com o pente penteando. Então, os cabelos deles são bons mesmo. Aí eu acho que a origem vem da descendência já de índio.

Já Morgado, aí já é diferente. É já da família que pertence da parte da minha avó, que é de dois irmãos que tinha aqui: o finado Zé Amaro e o Antônio Amaro. Todos os dois eram pretos. O

cabelo era crespo. Era negro. Já as duas mulheres dele eram loiras dos zóio azul. Se misturaram e é por isso que tem uns pretos, uns morenos, outros pardos, outros verdes, outros dos zóios castanho, outros zóio preto, outros dos zóio azul. Então vem já de longe.

Eu tenho descendência dos Penteados, que meu avô era irmão do Svirino do Joaquim Peteado. Do esposo da Preta e do pai de sua avô, que eu não conheci esse pessoal, mas meu avô me falava, então essa mistura já vem já de longe.

Olha a origem naquele tempo não tinha o desenvolvimento de hoje em dia, né? Naquele tempo eles viviam de quê? Da caça, plantava, mas não era muito como hoje, o conhecimento era pouco. Era escravizado a maioria, muitos fugiam porque não queria trabalhar como até hoje, né? A gente sabe da história e até o presente momento.

Esses dois irmão, o finado Zé Amaro e o Antônio Amaro. Nasceram aqui, e o resto veio depois, né? Porque eram duas famílias, as duas famílias se reproduziu e veio até o presente. Até o meu conhecimento aqui tinha sete casas, em Catuaba. 40 anos atrás. Hoje têm na faixa de umas 80 casas. Pode se pensar que a história de Catuaba vem de uma única família. E aí foi chegando gente, foi passando, foi ficando aqui. Foi gostando, foi criando família aqui, outros se mudaram.

Aqui era um lugar rico d'água. Até a década de 80, década de 90 era um lugar rico d'água. A gente tinha o Tororó que passava ali debaixo do viaduto até década de 80. Passava água e era um lugar muito rico d'água. Depois que o pessoal começou abrir poço, esses poços artesianos... Tinha também o Brejo. Quando a gente falava em brejo, o pessoal achava que era o maior palavrão, e num é? Faz parte da natureza. Naquele tempo tinha brejo, tinha tudo. Então, da década de 80 pra cá teve quantos anos? Tem mais de 20 anos, tem 30 anos. Então aí foi desmatando e as águas também, enfim.

ÁGUA ERA DE TODO MUNDO

A água era pra todo mundo. Não tinha um dono, era tudo aberto. A questão da terra é o seguinte: a questão da terra era tudo desses dois donos, que nós temos até as escrituras. Aqui só foi registrado o quê? 70 tarefas de terras. Aí os mais sabidos chegaram aqui, pegaram as escrituras, fizeram uma enrolada e aí só registraram nas escrituras de Pedro Filho, 70 tarefas de terra, que tinha registrado e a outra não era. Mas o pessoal daquele tempo não é como hoje, não tinha conhecimento, aí não quiseram invadir o terreno que era deles mesmo, para não ter conflito, pra não morrer, e tá até hoje nesse sentido.

O Pedro Filho foi quem comprou, quem herdou esse terreno aqui, que era desses dois irmãos. Tá entendendo? Era dois irmãos e tem duas escrituras, do Lourenço e do Zé Amaro, ou do Antônio Amaro. O pessoal daquele tempo não tinha o conhecimento que tem hoje. Que eles roubaram a consciência desses dois cidadãos. Certo? E eles deixaram com medo, né? Naquele tempo! Você vê que até hoje tem perseguição sobre problema de terra. Morre muita gente, a gente vê aí na tevê, né assim?

A gente tem lembrança daquele tempo porque até hoje eu trabalho, né? Eu gosto da lavoura, que é o que eu trabalho desde pequeno. A gente foi criado aqui, trabalhando com meus avós. Eu perdi minha mãe com cinco anos de idade e fui criado com a minha vó, passando muita necessidade. Então é o seguinte: — “eu tô com 63 anos, daquela época até o presente momento, trabalho na roça e gosto de trabalhar na lavoura”. Só que naquela época chovia e os tempos era bons. Era a salvação do pessoal daquela época. Bem verdade que o pessoal toda vida aqui teve seca, uns anos vinha bom, uns vinha mais pesado, mas o pessoal daqui toda vida gostou de trabalhar no roçado.

Eu planto, hoje em dia, feijão de corda, andu, mandioca, que a gente lavra todo dia. Ainda tenho umas três tarefas e meia de mandioca. Então a gente faz isso aí. E antigamente, a mesma

coisa, o pessoal naquele tempo vivia da mamona, do sisal, da mandioca mesmo do licuri. Ia pra roça juntar o licuri pra quebrar e vendia no Jaguarari pra fazer o arranjo da feira. O pessoal naquele tempo vivia disso daí.

Eu só tenho um irmão por parte de pai, que se chama Salvador Alves da Conceição. Ele morou aqui uns tempos, mas os tempos dele foi mais em São Paulo. Ele tá morando em Belo Horizonte.

A infância era muito complicado, apesar de não ter quase infância nenhuma, mamãe foi antes, eu fui criado com a minha avó, e a gente tinha de obedecer as ordens da vó da gente. A gente saía aqui, ia pro roçado, chegava meio dia e ficava por aqui. Tinha vez que eu pedia ela pra descer lá embaixo, mas quando dava cinco horas eu vinha pra casa.

Olha do passado pra cá as mudanças que tiveram foi o respeito, que você olhava assim pra pessoa e acreditava, o respeito tinha muito, o pessoal considerava uns aos outros, hoje em dia, não tem mais isso aí. É por isso que tá tendo esses conflitos. Tá entendendo? De cada geração para geração. E os meios de comunicação hoje é que incentivam mais. E de ruim eu não gosto nem de falar, né? Porque tem de sobra. Eu mesmo já não tô pensando mais em mim, é mais nos meus netos aqui. Na minha menina, tenho neto e outro rapaz de 11 anos também. Daqui a 20, 30, 40 anos o que será dessa geração?



Figura 24: Crianças de Catuaba (BORGES, 2019)

6. 2 JOÃO DE JESUS CONCEIÇÃO (NENÉM)



Figura 25: João de Jesus (MARQUES, 2019)

Meu nome é João de Jesus Conceição. O nome de meu pai é José Conceição já faleceu tem quatro anos, minha mãe que ainda está viva . Ela tinha 83 anos. Nasci e me criei aqui. Tenho quatro irmãos: Joana Morgado de Jesus Conceição, Eduardo Conceição, Jó Conceição e Daniel Conceição e eu sou o quinto da família. Todos nascemos e nos criamos aqui. Meus pais também nasceram e se criaram aqui.

Minha infância não foi muito boa não. A gente trabalhava, tinha que trabalhar na roça, sempre roça. E brincadeira? Pouca brincadeira. Eh! Trabalhava, ia pra escola, aí chegava aqui não tinha energia. Chegava nesse horário: umas quatro e meia pra cinco horas. Se fosse estudar à tarde, já chegava já à noite e aí dormia. Minha infância não foi muito boa não. No outro dia a mesma coisa. Ia pra roça, levantava umas seis horas, sete horas já tava na roça e meio-dia vinha, 11:30, era que vinha. No caso, quando a gente estudava pela manhã, ia pra aula, chegava meio

dia e à tarde ia pra roça. Essa foi à infância.

Só cheguei a conhecer a avó paterna, Adelaide Ubilina de Jesus, conhecida como Chaninha. Da infância ela não contava muita coisa boa também não porque eles atravessaram tempos ruins. Eram coisas boas não. Não contavam. Eles não gostavam de contar a história deles não, porque não eram boas. Passavam muita fome, sofriam muito. Teve a passagem de Lampião aqui, eles não dormiam. Então as vidas deles não foram boas não.

ARVOREDO

O que matou o cangaceiro de Lampião foi o João Bianco que era da Fazenda Saco. Esse João Bianco tinha parente aqui. Morou aqui. O cangaceiro que ele matou era conhecido como Arvoredo. Ele matou porque ele era perverso. Ele saiu do bando de Lampião. Quando Lampião foi morto ele ficou fazendo as mesmas coisas, pegou o mesmo ritmo do Lampião. Matava, roubava, e aí, ele, um certo dia, foi morto. João Bianco matou ele.

A FAMÍLIA MORGADO

Sobre a Família Morgado, parte dela vem de uma negra escrava da Fazenda Varzinha, essa negra era filha de uma escrava que teve um caso proibido com um homem da família dos Amaro, ou seja, que não era filha do casal, da família Amaro, e aí, pra que ela não fosse descoberta eles obrigaram, a mãe dela obrigou a pegar ela na época. Pegar o sobrenome Morgado.

Esse Morgado é da Fazenda Varzinha. Tem um Morgado aqui também que é da Fazenda Juá, que já é município de Juazeiro, eles moram aqui também, né? Tem essa parte também. Aí misturou tudo. Aí ao invés de ser Amaro, Antônio Amaro, João Amaro, Francisco Amaro, tudo Amaro, saiu Amaro e entrou Morgado. Por conta dessa negra escrava que tinha o sobrenome de Morgado.

Ela já tinha esse sobrenome, agora eu não sei o nome dela, eu sei que ela tinha Morgado no sobrenome dela, aí ficou. O

povo daqui todo mundo pegou. Agora no meu caso, eu peguei Morgado, não sei nem como. O Morgado que eu peguei, foi erro de cartório, porque no lugar de Morgado era pra ser Amaro. O nome de mãe? Maria Morgado de Jesus Conceição. Conceição é porque ela é casada com pai e pegou o Conceição, porque o nome dele é José Conceição.

Mãe pegou outro nome, na época dos anos 40, 30, 20 o filho homem pegava o sobrenome do pai, a filha mulher da mãe, aí houve essa atrapalhada: eu fiquei com o nome de avô pelo meio, peguei Jesus e Morgado de mãe e Conceição de pai. Meu nome seria ou João Conceição de Jesus, ou João Morgado de Jesus.

OS MARQUES

Já a família dos Marques que são os Penteados, eles não eram filho daqui, eles vieram de outro município, que ninguém diz de onde, porque eles não falam muito não. Aí tinham três famílias como eu já falei: a família Amaro ficou com sobrenome (Morgado) a família Bernardes (Silva) e a família Marques, que é os Penteados. É uma mistura. Ou seja: depois que começou a misturar, só que parte dessa família, dos Penteados, só ficou mãe aqui, só mãe. Parte deles moram em Jaguarari. Também o Zuca, que já é falecido. Aí tem a Carmelita e o Arnaldo.

ESCRAVOS DO PRÓPRIO TRABALHO

Segundo dizem, na Fazenda Varzinha, naquela época, apareceram muitos escravos que vinham de Salvador e parte deles vieram fugidos de Alagoas. Mas se fugiram, vinha pra cá, ficavam e se tornaram escravos aqui. Acho que é porque, quando eles chegaram aqui, eles se escondiam, eles já viam, tentavam se esconder. Como os municípios não eram povoados igual agora era mato, aí eles ficavam escondidos. Aí quando eles eram pegos, eram escravizados por alguns donos de roças, fazendas e eles ficavam

ali. Mas já eram um tipo de um escravo que não era muito como se fosse em Alagoas não, eles eram bem, chicoteados. Trabalhavam, mas eles não eram chicoteados, não eram. Tinham horário de descanso. Não era aquele escravo que sofria muito não.

Eles eram negros! Bem negros mesmo. Cabelo crespo! Eu não cheguei a ver, minha mãe e duas tias minhas que me contaram e eram preconceituosas. E essas minhas tias eram uma parte branca, uma parte negra que misturavam com os escravos. E elas sempre relatavam desse jeito. Dessa parte aí. Elas diziam que eles não usavam corrente. Eles eram livres! Só trabalhavam de graça. Tinham comida, mas não eram chicoteados, eles não eram atacados, eles tinham uma vida livre, apenas escravo do próprio trabalho porque até hoje quem trabalha tá sendo escravo do próprio trabalho.

Elas falavam, e eu acho que naquela época parte desse povo escravo era usado como animal. Mas essas tias não tiveram relação com escravos porque já foi em outra geração. Parte dos pais delas passaram para elas e elas tinham preconceito com elas próprias porque na família delas tinham brancos, cor branca com cabelo liso, cabelo bem liso, olhos claros, verdes, azuis.

Todos casaram, parte deles, a família Amaro casou com parte da família branca, a maioria das esposas deles eram brancas. Os Amaros eram pretos. Uns pretos e outros brancos do cabelo crespo. Descendente, a maioria, de escravos. Todos descendentes de escravos.

Não contavam sobre índios. Eles só contavam pelo preconceito dos negros. Eles relatavam muito a palavra negro, tinham aquele ódio né? O próprio negro, às vezes, no relato, eles tinham aquele ódio de falar: - “casava com negro, tinha casado com escravo”. Eles tinham esse preconceito, parte mais das mulheres.

Os meus avós, das duas partes trabalhavam na roça, plantando. Aqui a planta mais foi só a planta da mandioca. Esse município aqui plantava mandioca, pouco feijão, melancia e milho só pro consumo mesmo. A farinha quando era muito

vendia, quando achava quem comprasse eles vendiam, quando não achava, comiam. Meu avô chegou a vender em Bonfim, Carrapichel e Socotó.

APRENDER A LER NO CHÃO

Aquele povo, na época, passaram muita fome, tudo analfabeto. O meu avô aprendeu a ler e escrever por ele mesmo. Ele pegou e começou a escrever no chão e aprendeu, com o dom de Deus mesmo. Ele nunca foi na sala de aula, não existia. Da década de 50 pra cá, pra trás não exista, aqui não. Aí todos, a maioria, até hoje são todos analfabetos. Mas mãe não é não. Ela sabe assinar e outras palavras. Mãe ler, ela lê muita a bíblia. Não assina bem porque hoje já tá velha e a vista curta. Mas a maioria, de 60 pra cá, tem uma turma que não é muito animadora não.

Na época, eles passavam fome porque era muito seco. Eles atravessavam cinco anos, três anos aqui na nossa região de seca. Aí eles passavam fome, porque não tinham como plantar, não tinha como colher. Foi da época de 30 pra trás. Eu não passei, eles falavam. De lá pra cá foi menos.

Do mesmo jeito é agora, exatamente. Tem tempo bom, tempo seco, você planta não dá, não nasce, não dava mesmo, igual agora.

QUANDO CHOVIA A CHUVA

A água aqui era nos tanques, você limpava o tanque, na minha época pra cá, quando chovia a chuva de verão a gente chegava lá e pegava uma água de boa qualidade. O Tororó foi uma nascente de uma água que teve, mas ela não demorou muito não. Só na época desses mais antigo que demorou um pouquinho. Essa parte era boa, tinha muita água, Não era ruim não. E a água era pra tudo, pra lavar, pra cozinhar, beber, água boa. Água da nascente era muito boa, cristalina. Agora aqui a gente consumia também água de barreiro.

Aí acabou porque veio mudando o pessoal, a medicina

entrando pelo meio dizendo que não podia tomar água de tanque, que eles chamam de barreiro. A gente tem umas lajes que a gente limpava quando chovia. Era uma água muito boa porque ela não descia, do jeito que ela caia ali juntava. Água boa, de boa qualidade. Cá pra nós é de boa qualidade, segundo depois a medicina diz que não. Aí veio a água encanada. Pra nós aqui na década de 88. Tudo pra nós aqui é recente, eu acho. Energia 88, água 88.

TRÊS CULTOS

Tem-se falado em três tipos de cultos: o Catolicismo, o Protestantismo e o Candomblé. Mas eu não cheguei a presenciar o Candomblé aqui, mas tem relatos que o mentor de isso tudo foi o José Amaro. Ele teve um problema com uma perna e aí naquela época não tinha medicina, não tinha médico. Eles acreditavam em reza, que veio tudo dos escravos, os escravos que gostavam, foi quem inventou o Candomblé.

Aí eles começaram a inventar o Candomblé, sei lá, os orixás, as coisas que eles acreditam que alguns santos iam curar aquela enfermidade dele, aí ele continuou. Novo! E aí depois ele largou. Ele largou, até essa parte aí. Ele fazia festa aí, mas eu não cheguei a presenciar não. Quando eu o conheci ele não tinha mais. Ele não fazia mais festas de Candomblé não, ele já era religioso. Ele mudou do Candomblé pra religião Cristão.

Agora na época não podia ter comentário. Essas coisas, Candomblé, eles se fecham muito. Não eram abertos não. Mas, às vezes, nas famílias uns falavam para os outros: - “Hoje a gente tem, eles chamavam festa. Hoje tem festa”. Aí eles iam pra festa com bebida, comida, e outras coisas que eles faziam: dançar em cima de brasas de fogo, de vidro. E não se machucavam.

Aqui foi presenciado, eu mesmo não presenciei, mas a avó de Gisele presenciou uma que dançou em cima de muita brasa e aí ela disse que no outro dia foi olhar nos pés dela, não tinha bolha nenhuma, tava normal. Aí onde vem, eles acreditam naquele santo deles lá. Que santo é? Você dançar em cima de

vidros e não cortar seus pés. Entrar dentro do fogo e não se queimar. Isso era da crença deles.

Aí na festa deles, no ritual tinha tudo isso. Aí eu não sei quando acabou o candomblé aqui, mas acho que foi quando o José Amaro se batizou na Cristã. Eu já peguei ele na mudança. Até porque, quando eu era pequeno, eu não saía, aqui era muito fechado. Quando eu cheguei a conhecê-lo, ele já era. Já tava na Cristã.

Mas muitos falavam desse passado dele. Relatavam: -“oh! o José Amaro tá nesse caminho aí, mas ele era do Candomblé, ele botava santo nas encruzilhadas, farofa...”

AS FESTAS

Antes não tinha festa. Eu acho que só na década de 30 ou 40 aí veio esse Samba aí. O de São Sebastião. O Reis já foi outra parte. O Reis veio primeiro. Depois veio o Samba. Apesar que o Santo já existia também. Agora o mais forte tá o São Sebastião porque o Reis acabou. Aqueles que criaram morreram e quem andava junto com eles também. Os criadores morreram e quem ficou não ficou com ele.

PROBLEMAS

Para a comunidade as mudanças negativas, foram essas que eu falei: a fome, o município não era desenvolvido e até hoje acho que não mudou muita coisa. E a positiva eu acho que melhorou pouca coisa. A energia, a água, o município era cheio de mato, tá limpo um pouquinho, os meios de comunicação que a gente tá vendo, tendo essa parte aí.

Se eu pudesse eu acho que eu deixaria do jeito que está. Acrescentando aqui alguma coisa: escola, mais educação, mais cultura, porque acabou a cultura, no caso do Reisado, no caso da crença que o São Sebastião é totalmente diferente. Eles não fazem como é pra ser, é tudo diferente, mudaram tudo. Então, mudaria isso aí, festa religiosa eu mudaria isso.



CAPÍTULO 7

7. Cartografía III

7. CARTOGRAFIA III



Figura 26: Casas Antigas da Comunidade (MARQUES, 2019)

Os indivíduos, mesmo mostrando suas particularidades, têm em sua construção, uma narrativa de coletividade. Assim, enxergamos, enquanto atores sociais, que pertencem a um grupo, e que dão forma a própria comunidade. Era comum, durante as prosas, os moradores remeterem-se a outros moradores para a certificação da história contada e para a construção da sua narrativa. Como uma teia de aranha: um fio estava ligado a outro. Um constitui a história do outro, transpassada pelos seus ascendentes e pelos que os rodeiam. Esta, prima daquela, que faz parte da história daquele outro, assim como outro, primo daquele, faz parte da história desta. Aqui todos estão em uma dimensão de comum unidade (comunidade), fraternidade e coletividade.

Assim o “eu sou porque nós somos” vai se amarrando e costurando dentro de uma narrativa. Buscamos compreender o fio que ligava cada história. Encontramos enquanto resultado, que as várias formas de ser, na construção do “Ser Catuaba” configuram uma realidade multicultural e multiétnica que é permeada pelos sujeitos que vivenciam uma ascendência negra-indígena neste

território, mesclada com a presença branca.

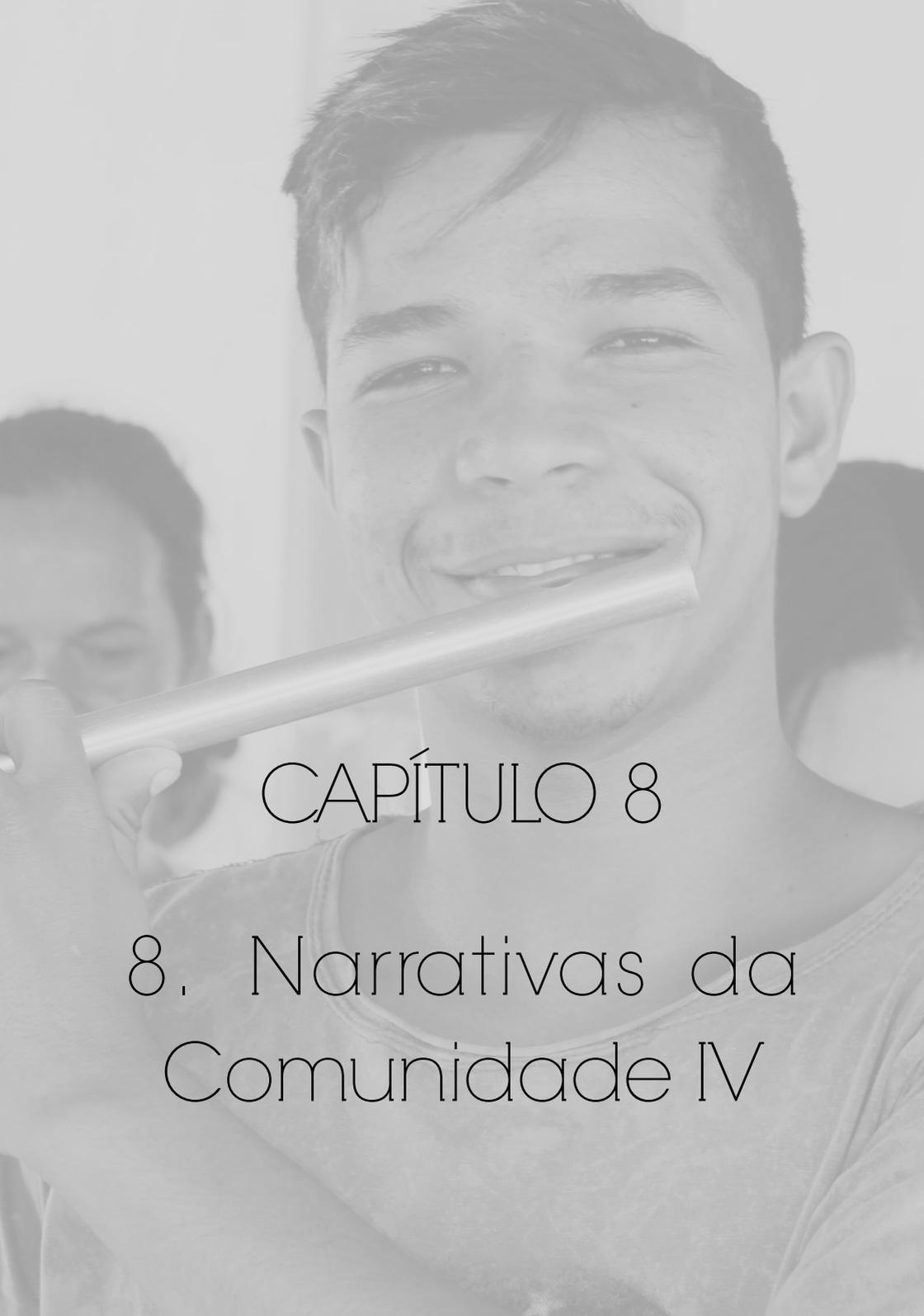
As heranças culturais afro-indígenas podem ser observadas nos relatos e nas práticas sociais do cotidiano de Catuaba que, em sua gênese, evidencia este aspecto. Embora em muitos dos enunciados não fossem verbalizados na busca por estas categorias identitárias, muitos dos sujeitos acessam a sua memória, evocando para elementos que o devolve a esta identidade. Os traços fenotípicos, o tom da pele, os aspectos culturais, a nomenclatura e a própria nomeação-histórica, condicionam para a conformação das identidades enraizadas na memória negra e indígena, também.

Aos poucos, a comunidade vai evocando a vivência da dinâmica do processo de urbanização. A água encanada, a chegada da luz. Tal processo foi um marco divisor nas relações da comunidade “foi depois que o prefeito Edilberto veio, que algo chegou por aqui”. Estão em destaque as políticas públicas de um estado em que se compartilha a ideia de uma multiculturalidade, mesmo em que há um hiato entre a igualdade formal e a igualdade material, as populações, negras rurais, passaram e ainda passam por um esquecimento simbólico e material do próprio estado. Assim, enquanto mantenedor das necessidades básicas para as convivências, como o processo de água encanada e energia, na comunidade isso só foi possível em três décadas atrás.

OS CATUABEIROS

Não só nos aspectos históricos, culturais, paisagísticos, mas, sobretudo, no jeito de ser dos moradores e moradoras de Catuaba, seus hábitos, seu modo singular de falar que lembra, em alguma medida, trocas comunicativas de acampamentos ciganos, mesclado com elementos da cultura negra e indígena, se desenha um identidade sertaneja de um povo lindo: os catuabenses!

Ser e pertencer a Catuaba trazia sempre o carimbo: “Oh! Os catuabeiros!”. Ao mesmo tempo que essa descrição pode estar encharcada de algum tipo de discriminação e preconceito, ela porta um forte elemento identitário: fala sobre o povo que vive em Catuaba, uma comunidade com nome de árvore!



CAPÍTULO 8

8. Narrativas da Comunidade IV

8.1 PAULO ROBERTO MORGADO



Figura 27: Paulo Morgado (MARQUES, 2019)

Catuaba hoje é um esplêndido na visão do outro, o que vê de fora. Mas nem sempre foi assim.

Eu me recordo bem quando vieram os meus primeiros entendimentos de vida, olhava para o meu derredor e me inquietava sobre as situações que avistava. Filho de lavradores, com a lembrança viva de minha mãe, Júlia Morgado, que partia uma rapadura em cinco pedaços para que meu pai, Raimundo Morgado, já citado nesta obra, levasse para comer na roça em cada dia da semana – de segunda a sexta.

Não era fácil, nunca foi fácil. Todos nós precisávamos trabalhar para aumentar a pouca renda da família. Isso para tentar um algo diferente.

Nunca fui um exímio trabalhador braçal, o que não quer dizer que não tive atividades dessa natureza. Trabalhei e muito nas mais diversas áreas: preparação do roçado, plantio,

capinagem, colheita. Ah, que tempos bons na casa de farinha, atividade que durava por vezes três ou mais dias, que ia desde o arrancar a mandioca até a farinha pronta no saco!

Deus sempre me abençoou quanto às perspectivas de vida diferente. Confesso também que, entre um “eito de mato” e outro, era um momento propício para eu estudar, ler em meus livros debaixo das árvores no meio do plantio. Muitos comentavam: “esse menino vai ficar doido”!!! “ Não vai criar família!!” E eu sempre refletia se ser trabalhador refere-se a ser trabalhador da roça. E o verbo fica no presente mesmo – refere-se – porque ainda hoje se liga o fato de o homem ser trabalhador se ele desenvolve trabalhos braçais pesados.

De estudante de escola pública com a professora Ana até a conclusão do Ensino Médio em escola particular. Conheci Juracy Marques, idealizador deste memorável livro, quando fui estudar em Jaguarari. Ao ir para o Ensino Fundamental Anos Finais, recebi diversas ajudas de diversas pessoas. Como não me lembrar de meu padrinho de batismo, Arthur Gonçalves, que pagava os outros 50% da bolsa que recebi; de Marlúcia Carvalho e José Carlos Prudêncio, dentre tantos outros que me oportunizaram situações para que eu “chegasse lá”. E cheguei. Foram tantos os professores e outras pessoas que me permitiram chegar. Foram tantos!!!

Ao concluir o meu Ensino Médio em 1995, todos davam como certa a minha contratação pelo Colégio Cenecista. O convite não veio e precisei procurar longínquas terras em busca de meu espaço. E fui. Vaguei, mas como diz na canção, “quem sai da terra natal, em outro cantos não para...” não parei e voltei.

Ligado às leituras, fui aprovado no vestibular da UNEB – Universidade do Estado da Bahia. Esse era o sistema de entrada no ensino superior. E tudo foi se clareando.

Para aquele menino pobre que saiu de uma comunidade estereotipada e que hoje tem a possibilidade de ser professor concursado, professor de institutos de ensino superior e

Coordenador Pedagógico da maior escola da região – o Colégio Sacramentinas de Senhor do Bonfim, é ser símbolo de que a perseverança vale a pena.

Orgulhoso sim, vaidoso não. Isso porque sou um dos poucos de Catuaba que deram certo na vida, pois acredito que tive apenas oportunidades e as aproveitei. Pena que meus próximos não conseguiram ter as mesmas.

Não moro mais em Catuaba. Hoje, casado com Maria Iolanda de Almeida Morgado com quem temos dois filhos, Marcos Paulo e Gabriel, moro em Jaguarari, tendo viajado por vários lugares em busca de conhecimento. Volto sempre a minha localidade, Catuaba, com tantas histórias aqui já contadas, com meus filhos, ensinando a eles que suas raízes estão ali fincadas.

8.2 GISELE CONCEIÇÃO



Figura 28: Gisele (BORGES, 2019)

Falar da comunidade, da história e memória de um povo é permitir que os processos sociais, culturais, políticos sejam reproduzidos e evocados. É o saber deixar sentir um novo olhar daquilo que cada sujeito carrega sobre si, o seu olhar, o seu modo de ser e de expor ao mundo, as suas vivências, inquietudes, interpretações de buscar e saber.

Sempre pensei em escrever algo sobre meu lugar, mas fui deixando passar até que surgiu um convite do Dr. Juracy Marques para abordar sobre esse passado e memórias de onde emergem as diferentes relações desse povo, do meu povo!

Com esse propósito, aceitei o convite em colaborar com esse trabalho bellissimo que ele e sua equipe vem desenvolvendo nas comunidades, resgatando histórias e memórias para deixar para os próximos conhecerem diferentes contextos através das narrativas dos próprios moradores, propósito marcante dos

trabalhos das Novas Cartografias Sociais feitas em diferentes partes do Brasil e do mundo!

Sendo assim, falar sobre Catuaba é uma emoção grande não só pra mim, mas para os demais moradores, pois nas falas colhidas, relatos vi e sentir a emoção dos moradores em contar e relatar suas vivências, e comigo não foi diferente.

Sou Gisele da Silva Conceição, filha de João Morgado de Jesus Conceição e Joana da Silva. Nasci em Senhor do Bonfim-Bahia, mas sempre morei em Catuaba, povoado de Jaguarari. Sou professora graduada em História e graduanda em Africanidades e Cultura –Afro Brasileira. Trabalho em escola Pública e Particular.

Então escrever sobre Catuaba, assim chamado pelos mais velhos, é emocionante. Primeiro porque é algo que vai ficar registrado para as gerações futuras, que poderão saber e conhecer a história desse povo que, em sua simplicidade, nos mostra coisas tão raras e bonitas. Foi nessa simplicidade que eu, Gisele, e Danilo Borges, começamos as entrevistas. Sempre comentava com Danilo a alegria e o receio que as pessoas ficavam quando questionadas, mas foi uma alegria e um prazer entrevistar essas pessoas que contavam, com maior alegria, suas vivências e suas histórias. Cada encontro foi uma forma de rever a minha própria história. Foi maravilhoso e emocionante!

Foi ouvindo os relatos dos meus avós paternos que fiquei na curiosidade em saber mais sobre nossa história. Então comecei a questioná-los: o porquê do nome da comunidade? Quem foi o primeiro morador? O porquê do sobrenome Morgado? Qual a descendência, já que minha avó em seus relatos citava parentes do cabelo liso outros do cabelo crespo? E então fui questionando também o porquê do padroeiro ser São Sebastião e assim seguia minhas indagações. Também perguntei sobre o Samba de Palma, que segundo minha avó materna foi por conta de uma promessa do meu bisavô, pai dela, e que mais tarde foi se tornando uma festa tradicional na comunidade e que acontecia em janeiro para agradecer o bem que foi concedido

assim como a festa do padroeiro que acontece no mesmo mês. Essas manifestações culturais têm seus traços marcantes na comunidade, manifestações essas que têm influências de culturas Africanas e Europeias.

O fato é que, das narrativas, gestos e trejeitos muito particulares dos vários moradores da comunidade, colhidos pelas nossas visitas às casas e às memórias do povo de Catuaba, conseguimos organizar em textos um livro que conta uma história com elementos da história negra, cigana, indígena, branca que pousaram por aqui. Essas identidades se particularizam como a História do Povo de Catuaba!



Figura 29: Catuaba é a terra dos ipês rosas (GISELE, 2019)



**SOCIEDADE BRASILEIRA DE
ECOLOGIA HUMANA**
www.sabeh.org.br